BOLETIM SEMANAL
DO DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

ANGOLA E ÁFRICA AUSTRAL

SUMÁRIO:

Número Experimental 9-4-77 Kz 5.00

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

EMULAÇÃO SOCIALISTA

Palestra proferida pelo camarada Carlos Rocha Dilolwa no primeiro curso de monitores da Escola do Partido

Março de 1977

Camaradas,

A palestra de hoje, como os camaradas sabem, tem por tema «A Emulação Socialista».

Vou dividir este tema em quatro partes :

1.ª parte : atingir os níveis de 1973.
2.ª parte : produtividade do trabalho.
3.ª parte : o caracter do trabalho no socialismo.
4.ª parte : a «Emulação Socialista».

Quer dizer que antes de falar na Emulação Socialisa, temos de falar nas outras três partes.

ATINGIR OS NÍVEIS DE 1973

Os camaradas sabem que o MPLA definiu na reunião do Comité Central que é preciso atingir os níveis de produção de 1973. Por conseguinte, nós temos de saber o que isso quer dizer : atingir os níveis de 1973.

Isso significa que é preciso que a produção suba em todas as empresas, tanto nas empresas estatais, já nacionalizadas pelo nosso Estado, como nas empresas privadas e capitalistas, e também nas cooperativas. É preciso que a produção suba para se atingir os níveis de produção de 1973.

É evidente que a única excepção que se põe a esta directiva geral é quanto à produção de bens supérfulos, isto é aqueles bens que não são essenciais para o povo; para esses bens não precisamos de atingir os níveis de 1973. Por exemplo, se houver um fábrica de perfumes, não importa que para essa fábrica de perfumes nós atinjamos os níveis de 1973, para algumas senhoras fazerem «banga» com perfumes desses. Não interessa.

Mas realmente, naqueles ramos que são importantes, produção de pneus para os carros, produção de farinha de milho, produção de mandioca, produção de tecidos, quer dizer, nessas produções importanes que todos sabemos quais são, é importante atingir os níveis de produção de 1973. Tanto para as empresas privadas como para as empresas capitalistas.

Porquê ? Porque é preciso utilizar os equipamentos que nós temos, é preciso utilizar as máquinas, as fábricas que nós já temos instaladas aqui em Angola, senão seria um crime.

Quer dizer : nós temos uma fábrica, por exemplo de pneus, que é privada como a Mabor, e nós dizemos : «esta fábrica é melhor fechar porque é privada, não interessa».

Ora isto é um crime porque quando as máquinas estão paradas, elas estragam-se, e é um crime nós deixarmos as fábricas estragarem-se. Os camaradas sabem muito bem que quando um carro fica parado muito tempo, estraga-se. O carro foi feito para andar, o motor precisa de trabalhar. Também as máquinas. precisam de trabalhar.

Portanto, se nós dissermos que a Mabor pode ficar parada porque é uma empresa privada, nós estamos a cometer um crime. Primeiramente, porque nós não produzimos pneus, nós temos que importar pneus, e importar pneus significa gasto de divisas, é dinheiro estrangeiro. Por outro lado, aquela maquinaria toda vai-se estragar. Ora a maquinaria foi comprada em divisas, divisas vindas do estrangeiro, e essas divisas são trabalho do Povo Angolano, porque, para o capitalista aqui em Angola, na Mabor, comprar as máquinas para produzir pneus, teve que gastar divisas e essas divisas são dinheiro de Angola, foram conseguidas com a exportação do café, do petróleo, do sisal, de algodão, eac. Portanto, se a fábrica foi comprada com divisas, que foram conseguidas com o trabalho do Povo Angolano, nós agora não temos o direito de deixar estragar essas máquinas. Mas nós dizemos : está bem, é uma empresa privada, mas esse assunto vai ser resolvido mais tarde, mas vai ser resolvido. Mas para já, enquanto esse assunto não é resolvido, vamos atingir os níveis de 1973.

E, camaradas, atingir os níveis de 1973, não é nada de especial, porque em 1973 Angola também era um País subdesenvolvido, como disse o nosso Presidene na Proclamação da Independência. Quer dizer : nós não vamos pensar que pelo facto de atingirmos os níveis de 1973, vamos fazer muita coisa. O nível de 1973 é só um mínimo, é um mínimo e nós continuaremos a ser um País subdesenvolvido. Eu vou dar alguns exemplos para os camaradas verem : os camaradas sabem que um dos índices mais importantes do desenvolvimento é o consumo de energia eléctrica por habitante. Um país que consome muita energia eléctrica é, em princípio, um país desenvolvido. Um país que consome pouca energia eléctrica, é um país subdesenvolvido.

Bom. Vejam os camaradas isto : um homem adulto tem força e trabalha. Quando o homem trabalha, o homem gasta energia, a sua energia, a energia do seu corpo, a energia muscular, a energia dos seus músculos. E a energia que um homem dispende por ano é o equivalente a 200 Kilowatts-hora. O Kilowatt-hora é a média de energia: assim como o tecido e medido em metros, as batatas são medidas em Kilogramas, a energia é medida em Kilowatts-hora. Quer dizer um homem a trabalhar, num ano, dispende em energia o equivalente a 200 Kwh.

Agora, em Angola, em 1973, o consumo de energia eléctrica por habitante, por cada habitante, era de 160 kWh. Quer dizer : aquilo que cada habitante em média consumia sob a forma de energia eléctrica, era inferior aquilo que ele mesmo, com os seus músculos, podia produzir, sob a forma de energia muscular. Isto é um País subdesenvolvido.

Enquanto que os países desenvolvidos, industrializados, produzem 4000, 5000, 6000 e 7000 kWh por habitante, em Angola, somente 160 kWh por habitante.

Este é um número que mostra bem, como é que nós somos e éramos um país subdesenvovido.

Outro exemplo : a produção de algodão por hectare (hectare é um terreno quadrado que tem 100 metros de lado). Em cada hectare, aqui em Angola, produzia-se 330 kgs de algodão, e na União Soviética produzia-se 940, cerca de três vezes mais. Os camaradas vêem como é que nós estamos subdesenvolvidos. E produzia-se menos algodão em Angola porque as sementes não eram de boa qualidade, o terreno não era bem adubado, não era bem irrigado,

não havia boa mecanização, não havia boa organização, etc. Por isso é que nós produzimos aqui menos do que na União Soviética.

Outro exemplo: a produção de milho por hectare em Angola, em 1973, era de 400 kgs. No Canadá era de 2000 kgs, cinco vezes mais do que em Angola. Quer dizer: no mesmo hectare, no Canadá, produz-se duas toneladas e em Angola 400 kgs, não chega a meia tonelada.

Portanto quando o Comité Central do MPLA diz que é preciso atingir os níveis de produção de 1973, não está a dizer nada de especial. Mesmo atingindo os níveis de 1973 nós seremos sempre um país subdesenvolvido, e portanto teremos de fazer ainda muito esforço. Simplesmente vamos utilizar um equipamento industrial, agrícola, etc., que nós possuimos, mais nada, mais nada, é o que isto quer dizer.

Evidentemente que há outros problemas. Há os problemas das relações de produção mas isso resolve-se de outra maneira, isso resolve-se com as nacionalizações e com os confiscos. Quer dizer: deixar de ser propriedade privada e tornar-se propriedade do povo, isto é, propriedade estatal.

Os camaradas sabem que na última reunião do Conselho da Revolução foi decidida a nacionalização da «Angol». Isto é uma medida extremamente importante. A «Angol» é uma grande empresa capitalista de Angola. E era uma empresa que pertencia aos portugueses. A «Angol» como diz a Lei que foi aprovada pelo Conselho da Revolução, era uma empresa parasitária. Quando a «Angol» foi fundada, Angola era uma colónia portuguesa. Então, sendo a «Angol» uma companhia portuguesa, beneficiou, por parte do Estado português, do estatuto de uma companhia nacional (nacional portuguesa, evidentemente).

E assim, quase todos os terrenos, desde a foz do rio Zaire até à foz do rio Kwanza, foram cedidos pelo estado português à «Angol», que não tinha nada, não sabia nada, nem tinha tecnologia, não tinha técnicos, não tinha máquinas, não tinha capital, não tinha nada. Apesar disso, o estado deu-lhe «de boleia» os terrenos de Angola. A «Angol» não tinha nada, só tinha os terrenos que o Estado lhe deu. Porque era uma companhia portuguesa e o estado era português, logo que a «Angol» recebeu esta concessão, foi negociá-la com outras companhias não portuguesas que tinham capitais, tecnologia e quadros. E assim, a «Angol» começou a chamar para a sua concessão, a Petrangol (Belga) a Texaco (que é americana) e a Compagnie Française des Pétroles (que é francesa, a TOTAL). Começou pois a chamar as outras companhias que tinham quadros, que tinham tecnologia, que tinham capitais. O que é que a «Angol» tinha? Tinha o terreno de Angola. E só por ter o terreno de Angola recebia no fim do ano muitos contos em divisas, resultantes da exploração do petróleo. Com a nacionalização da «Angol» esse dinheiro todo que ia para Portugal, virá para Angola.

É uma medida importante. Importante, que nós todos, militantes do MPLA, saibamos o que é que significa para Angola a nacionalização da «Angol».

Portanto uma coisa é o aumento da produção até atingirmos os níveis de 1973, outra coisa são as nacionalizações e os confiscos até atingirmos a mudança radical, total, completa, das relações de produção, quer dizer acabarmos com a propriedade privada e então criar a propriedade social.

PRODUTIVIDADE NO TRABALHO

Os camaradas sabem que é possível aumentar a produção de duas maneiras: primeiramente meter mais trabalhadores para aumentar a produção; em segundo lugar, aumentando a produtividade no trabalho.

Ora meter mais trabalhadores é normal, porque de ano para ano a população de um país cresce, é natural que cada ano haja mais trabalhadores disponíveis. E assim, com este aumento da força de trabalho, nós vamos aumentar a produção.

Mas esta não é maneira principal para aumentar a produção. A maneira principal para aumentar a produção é através do aumento de produtividade no trabalho. Já tive oportunidade de falar aqui na produtividade do trabalho, e nessa altura disse que a produtividade do trabalho é a produção de mercadorias por unidade de tempo.

O volume de mercadorias que nós produzimos numa hora, num dia, num segundo, num minuto, — numa unidade de tempo —, é a produtividade do trabalho.

Quando aumentarmos a produtividade no trabalho, aumentamos o número de mercadorias produzidas numa hora. Um exemplo: nós produzíamos 3 panelas por hora, agora produzimos 20 panelas por hora. Na mesma hora nós produzimos 20 panelas. Quer dizer, o trabalho que nós gastamos para produzir uma panela diminuiu. Numa hora produzíamos 3 panelas, agora produzimos 20 panelas, agora o tempo para produzirmos uma panela diminuiu, o valor da panela baixou, porque o que determina o valor é o tempo de trabalho que se gasta a produzir.

Camaradas, Lenine escreveu num dos seus livros o seguinte: «A produtividade do trabalho é, em última instância, o mais importante, o principal para o triunfo do novo regime social, quer dizer o socialismo».

Assim, em última instância, em último lugar, o mais importante para o triunfo do socialismo é o aumento da produtividade do trabalho. Isto são palavras de Lenine, depois da Revolução de Outubro. Nesse livro, Lenine dizia que o capitalismo venceu o feudalismo porque conseguiu um aumento na produtividade do trabalho muito superior àquele que existia no feudalismo. Então Lenine disse que o socialismo há-de conseguir uma produtividade no trabalho superior ao capitalismo, e é por isso que em fim de contas o socialismo vence e vencerá.

Portanto vejam bem, camaradas, nós não estamos a falar de brincadeiras, estamos a falar de coisas muito sérias. Trata-se do triunfo do socialismo sobre o capitalismo. E no socialismo existe a lei económica da elevação constante da produtividade do trabalho. Isto é uma lei da economia.

Quer dizer que no socialismo, a produtividade do trabalho aumenta constantemente, e isto inclusivamente vem no Plano Nacional. Mas isto não acontece no capitalismo. No capitalismo a produtividade do trabalho aumenta, mas não de forma constante. Há uma frase de Marx: «A Lei da crescente produtividade do trabalho não é válida incondicionalmente para o capital». Isto é uma frase de Karl Marx.

Isto significa que esta lei do aumento constante da produtividade do trabalho é uma lei do socialismo, não é uma lei do capitalismo. No capitalismo, a produtividade do trabalho aumenta, mas não de uma

forma constante, regular. Isto só é característica do socialismo.

E como é que nós conseguimos aumentar a produtividade no trabalho? Como é que nós conseguimos fazer com que aumentemos a produção de mercadorias em uma hora?

De muitas maneiras. Evidentemente que a melhor maneira é melhorando a técnica, quer dizer, tirando a maquinaria velha e pondo outra maquinaria mais moderna.

Mas há outras maneiras. Outra maneira é: a maquinaria que existe, velha ou moderna, empregá-la melhor, porque é evidente que se eu tenho uma máquina e se não trabalho bem com a máquina, a produtividade desce; se eu trabalho bem com a máquina, a produtividade sobe. Os camaradas sabem: eu tenho um camião — um camião é uma máquina — se eu trabalho bem com o camião, a produtividade sobe, se eu ando mal com o camião, se eu ando sempre aí a «pancar» com o camião contra as paredes, o camião está sempre parado para reparar, a produtividade desce. É preciso empregar bem a máquina. É preciso empregar bem as matérias-primas, a energia, os combustíveis, tudo isto poupando bem, trabalhando bem com estas coisas, e a produtividade sobe.

É preciso organizar melhor o trabalho, porque, camaradas, existe em cada fábrica aquilo a que se chama o estrangulamento (estrangular quer dizer: apertar o pescoço). Em cada fábrica existe o estrangulamento. Os camaradas vão a uma fábrica e vão ver que há secções numa fábrica onde o trabalho fica empatado, não avança, quer dizer que o trabalho começa a chegar de outras secções e naquela secção fica parado. Portanto naquela secção há um estrangulamento. E é preciso organizar o trabalho de modo a que aquela secção não seja mais um estrangulamento, que a coisa passe rápido por ali. É preciso estudar bem, porque é que naquela secção as coisas não podem passar.

A boa organização do trabalho também faz aumentar a produtividade do trabalho. E também faz aumentar a produtividade do trabalho a repartição racional (quer dizer: inteligente, bem feita, planificada) das estruturas de produção nas diversas regiões do país.

Por exemplo: se é na Huíla que nós temos o minério de ferro, não vamos fabricar aço em Luanda. Não tem sentido porque isso seria fazer descer a produtividade do trabalho, pois nós haveríamos de gastar trabalho inutilmente. Transportar o minério da Huíla até Luanda, por caminho de ferro até Moçâmedes e depois de barco até Luanda, descarregar, ir outra vez no carro até à fábrica de aço, isto é gastar trabalho inutilmente. Vamos então fazer a fábrica já ali perto das minas, ou então na própria Huíla ou Moçâmedes, consoante o estudo. Vamos fazer perto da mina. Não vamos fazer a fábrica de aço em Luanda.

A repartição regional das estruturas de produção, a boa repartição, também faz aumentar a produtividade do trabalho.

É certo que a produtividade do trabalho, pressupõe um certo nível de intensidade do trabalho. A intensidade do trabalho é o esforço que cada um faz para aumentar a produção. Se uma pessoa não faz esforço nenhum para aumentar a produção, não há produção nenhuma, portanto não há produtividade do trabalho.

Quer dizer: a produtividade do trabalho, pressupõe um certo nível da intensidade do trabalho. A partir deste nível de intensidade do trabalho, aumenta a produtividade do trabalho através destes melhoramentos a que me referi anteriormente.

E o emprego do estímulo (os estímulos são os incentivos materiais e morais) faz aumentar a produtividade do trabalho. Por conseguinte, quando estimulamos o trabalhador, aumentamos a produtividade do trabalho.

ANGOLA

VIDA POLÍTICA

NEGAGE: Realizaram-se colóquios sobre «Congresso, Partido, Produção, Alfabetização, Reconstrução Nacional e características de um militante revolucionário».

CABINDA: O «Jornal de Angola» de 17 de Março publica uma entrevista com o camarada Evaristo Domingos Kimba, membro do Comité Central do MPLA e Comissário Provincial de Cabinda, de que extraímos:

«Antes havia aqui na Província como que uma crise de autoridade. Havia uma Comissão Directiva, que via os problemas do ponto de vista político, um Estado Maior Regional, de que alguns elementos faziam parte da Comissão Directiva e havia também, antes da nomeação da Comissão de Emergência, um aparelho administrativo deixado pelo colonialismo que ainda funcionava e que, infelizmente, não foi destruido por causa das confrontações. Havia portanto uma crise de autoridade, sobretudo do ponto de vista administrativo. (...) Com a minha nomeação como Comissário Provincial começou-se logo a fazer a definição e divisão de tarefas de cada organismo e de cada departamento provincial, a nível político, administrativo e militar.

(...) Tivemos um período de grandes dificuldades, nomeadamente no que concerne a falta de géneros alimentícios porque, como os camaradas sabem, do ponto de vista geográfico, Cabinda encontra-se num ponto muito afastado e, portanto, as condições de abastecimento normais são difíceis por falta de transportes marítimos. Situação que se mantém até à presente data, embora já não seja assim tanto como de princípio».

(...) O problema dos refugiados é também um caso que temos enfrentado e temos mesmo grandes dificuldades para o solucionar. Até este momento têm regressado muitos refugiados principalmente aqueles que fugiram ultimamente. Quando regressam, porque uns vêm do Zaíre, outros da República Popular do Congo, prestam declarações e são admitidos na vida normal da Província.

Mas temos um problema ainda que é muito mais difícil e que não é dos refugiados mas sim dos desalojados. Nós temos todas as aldeias ao longo da fronteira com o Zaíre despovoadas. Foram destruidas e despovoadas em consequência da guerra. E há populações que praticamente não têm a matéria básica para poderem viver. (...) Os organismos de massas do Movimento, a OMA, JMPLA, OPA, o DOM/Regional têm feito um grande trabalho junto das massas populares explicando-lhes os objectivos da nossa luta e o que pretendemos atingir. Os resultados têm sido satisfatórios e cada vez tem havido mais aderência aos princípios definidos pelo MPLA».

— A 17 de Março teve lugar o encerramento dos seminários políticos que haviam começado no dia 2 em todos os municípios.

MALANJE: Abertura a 19 de Março do Plenário das Comissões e Delegados Sindicais de Empresa, organizado pela UNTA.

MOÇÂMEDES: Reunião, a 29/3, dos activistas políticos, com o Comissário Provincial, camarada Lopes da Câmara.

ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

OPA: Seminário Provincial no Bié, com a presença de membros da Comissão Directiva Provisória da JMPLA, do Comissário Provinical e de responsáveis da Estrela Provincial da OPA.

JMPLA: Encerrou-se em Cabinda o Seminário de Formação Política promovido pelo Secretariado Municipal da JMPLA.

— No dia 28 iniciou-se, em Malanje, o II Encontro dos Comités de Acção de Zona da JMPLA.

— A Comissão Directiva Provincial da JMPLA de Mbanza Congo vai mobilizar cerca de 70 jovens camponeses, num plano especial de enquadramento da juventude camponesa.

INAUGURAÇÃO DE UMA BANCA DO MILITANTE

O camarada Beto Van-Dúnem, coordenador do DOM/Regional, inaugurou a Banca do Militante da «União Comercial de Automóveis».

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

O «Jornal de Angola» de 31/3/77 informa que foi publicado na folha oficial o Regulamento do Conselho da Revolução, de que dá um apanhado.

CÍRCULO DE ESTUDOS REVOLUCIONÁRIOS

Militantes de Grupos de Acção da SONEFE, EKA, SATEC e VINELO, activistas do sector operário e camaradas coreanos participam, desde o dia 29, num círculo de estudos sobre as revoluções coreana e angolana.

VIDA ECONÓMICA

INDÚSTRIA

A fábrica de refrigerantes «Vitória» em Luanda está engajada no plano de Emulação Socialista. Foi considerada como Empresa Destacada do mês de Fevereiro por a sua produção (220 mil litros) ter ultrapassado o previsto no plano (219 mil litros). A sua produção de 1973 ascendia a 560 mil litros.

Apesar de todos os esforços que os seus trabalhadores têm vindo a dispender para aumentar a produção, vários factores vêm impedindo que se atinja tal objectivo. A falta de vasilhame (na sua maioria nas mãos da po-

pulação que não o entrega) e a diversidade de tipos de garrafas, que obriga a uma constante adaptação das máquinas ao tipo de garrafa.

A indisciplina de alguns trabalhadores é outro entrave a esse aumento de produção, sendo de lamentar que nesta altura ainda não tenham compreendido qual a importância do aumento de produção para a Reconstrução Nacional. E ainda a falta de técnicos, o que aliás é um problema de todos os sectores. É necessário que os trabalhadores aliem a produção ao estudo, para que possam superar as avarias técnicas.

A Coopomóvel é uma fábrica de móveis gerida por uma Comissão de Intervenção constituida por 3 operários. Foi considerada Empresa Destacada do mês de Fevereiro por ter cumprido o estabelecido no plano de Emulação (60 camas e 12 mobílias de sala de estar por mês).

Esta fábrica luta com uma grande dificuldade que é a falta de matéria-prima. É necessário não esquecer que ela trabalha forçosamente em colaboração com outras fábricas, como por exemplo: Dyrup, Socolas, Termoplásticos e Napal, além da Jomar que fornece as madeiras. Por várias vezes estas empresas levantaram problemas de créditos para os pedidos de matéria-prima e os fornecimentos não são regulares.

Inaugurou-se em Luanda a Fábrica de Malhas de Luanda, resultado da fusão de 4 outras fábricas do mesmo ramo: «Mondego», «Juventude», «RF» e «Império».

NACIONALIZAÇÕES

Acabam de ser recuperados os bens de várias empresas privadas do País, umas por abandono por parte da entidade patronal e outras por fecho das actividades sem autorização das instâncias competentes, ficando a partir de agora sob o controlo do Ministério da Indústria e Energia. São elas:

FAMA — Benguela.
ARTANGOL — Lobito.
GRANITOS BELA, LDA. — Lubango.
SALEX (Sociedade Angolana de Labradorites para Exportação) — Lubango.
LUSO GRANITO, LDA. — Lubango.
GRANITOS DE CONDEDO, LDA. — Luanda.
Francisco Gomes de Sousa — Luanda.
FÁBRICA MATERIAL DE CONSTRUÇÃO — Benguela.
GRANMAR INDUSTRIAL, COMERCIAL E AGRÍCOLA, SARL — Lobito.
SOMÁRMORE (Sociedade Indústria de Mármores de Angola, Lda.) — Moçâmedes.
SOMOTOR — Lubango.
Biscaia e Cavaleiro — Lubango.
António dos Santos Riscado — Moçâmedes.
CONTIMAR (Sociedade Continental de Mármores e Granitos, Lda.) — Moçâmedes.
José Maria dos Santos Fróis — Benguela.

«OPERAÇÃO KWANZA» REACÇÃO DA REACÇÃO

O jornal português «Tempo» refere-se, numa breve notícia, à operação de troca da moeda realizada em Janeiro de 1977. Afirma este jornal que o principal objectivo da referida operação era anular o valor dos milhões de escudos em poder da FNLA e da UNITA. Mais a frente escreve:

«A solução, no entanto, para lá do facto de ter violado algumas das regras mais elementares regras de Direito Internacional, prejudicando especificamente interesses portugueses, não teve o mais pequeno êxito, pois logo a seguir ao aparecimento dos "Kwanzas" apareceu uma emissão clandestina... de Marrocos...»

E a terminar lê-se: «Perante este fracasso é possível que o MPLA tenha aprendido a lição e resolva encomendar nova mudança de moeda, substituindo agora os "kwanzas" por "cunenes".»

PESCAS

Regressou, no passado dia 26, a Luanda, o camarada Victor de Carvalho, Ministro das Pescas, que se tinha deslocado à U.R.S.S. a fim de manter conversações com o governo daquele país para a cooperação no domínio das pescas.

Por encomenda da Mafáfrica (empresa estatal angolana) serão entregues a Angola 20 navios pesqueiros da Inconave (Indústria de Construção Naval Brasileira).

PECUÁRIA

A produção de frangos para abate é da ordem das 200 mil unidades mensais, para a região de Luanda. Face a este índice de produção, bastante razoável já, pomo-nos a questão: porquê a falta deste produto no mercado?

A resposta está nos circuitos e processos de distribuição daquele produto.

Até aqui toda a distribuição de frangos abatidos estava a cargo da EMPA e a venda de frangos vivos era atribuição da Comissão de Emergência para a Produção Avícola, sendo esta última efectuada apenas em casos de extrema necessidade, porquanto os matadouros avícolas têm ainda uma fraca capacidade de abate.

Este sistema dava lugar a uma série de lacunas, porquanto as estruturas daqueles organismos não permitiam uma distribuição racional. Assim adoptou-se novo critério. A distribuição de frangos abatidos foi entregue ao Grupo de Carnes, organismo já com experiência e cujas estruturas (conservação a frio e meios de transporte apropriados) permitirão uma distribuição mais racional.

A distribuição será feita para os talhos, supermercados e postos que garantam a conservação a frio do produto, para evitar o que anteriormente se verificou: estragar-se o produto por falta de condições de conservação.

Os meios de transporte para este tipo de carne será problema que o Grupo de Carnes resolverá dentro em pouco com a chegada de carros apropriados.

PROVÍNCIAS

KWANZA-SUL

A província do Kwanza-Sul, com 58 000 Km2 de superfície e cerca de 500 mil habitantes, apresenta grandes potencialidades no capítulo da agricultura, actividade a que se dedica 80 por cento da sua população.

A incrementação e di-

namização de diversas culturas é problema que tem vindo a ser estudado com o auxílio de técnicos búlgaros e coreanos, sobretudo a cultura do arroz.

Para este ano de 76-77, estão previstos índices de produção semelhantes aos de 73, caso se possam superar vários problemas de ordem técnica: falta de meios de transporte, quer para deslocação entre os municípios, quer para o escoamento e consequente comercialização dos produtos; formação de técnicos com vista a uma mecanização da agricultura; novas técnicas de preparação de terrenos; assistência técnica (sementes, enxadas) regular.

Estão previstos os seguintes índices de produção:

Milho — 50 mil toneladas;

Feijão — 5 mil toneladas;

Mandioca — 60 mil toneladas;

Batata-doce — 10 mil toneladas;

Amendoim — 2 mil toneladas;

Óleo - de - palma — 20 mil toneladas;

Algodão — Cultivo de 1 200 hectares nas áreas de Ngunza e Porto Amboim.

Está ainda prevista a incrementação da cultura de produtos alimentares que até aqui vinha sendo menosprezada em favor da cultura de produtos industriais como o café, algodão, sisal, etc.

Quanto ao escoamento e comercialização destes produtos prevê-se o escoamento de 2 385 ton. de girassol das regiões de Seles e Mussende; 2 400 ton. de milho do Seles, Ebo e Conda; 270 toneladas de feijão das mesmas regiões, e 113 toneladas de amendoim do Seles e do Ebo.

Apesar de todas as dificuldades conseguiram escoar-se, o ano passado, cerca de 130 toneladas de milho, batata, cebola, feijão, banana e tomate de Ngunza e Porto Amboim e 500 toneladas de milho, amendoim e girassol do Seles.

O processo de dinamização da formação de cooperativas de produção está bastante adiantado nesta província. Há 88 cooperativas do 1.º grau na região de Libolo e 4 do 2.º grau.

Em Ngunza existem 20 cooperativas do 2.º grau e em Porto Amboim 35.

Têm-se levantado vários problemas na dinamização destas cooperativas, sobretudo pela falta de activistas que actuem junto das populações. Para superar este problema acaba de encerrar-se um curso de dinamizadores de cooperativas agrícolas em Malanje e que contou com a presença Kwanza-Sul, Luanda e Huíla.

O outro grande problema é o dos transportes, virados, na sua maioria, para o café.

A comercialização dos produtos é problema que se vem pondo há algum tempo e entrava a dinamização da formação de cooperativas, porquanto os camponeses não vêem os produtos que cultivam serem escoados e comercializados. Em toda a província apenas no Libolo existe o Centro de Abastecimentos e Comercialização das Cooperativas do Libolo. Este factor e da máxima importância para o trabalho dos activistas agrícolas.

A pecuária é outra das riquezas desta Província que é igualmente alvo da atenção dos nossos técnicos e dos técnicos búlgaros. Em 1970, as estatísticas indicavam o seguinte número de cabeças de gado naquela região:

128 mil cabeças de gado bovino;

26 mil cabeças de gado suíno;

20 mil cabeças de gado caprino;

7 mil cabeças de gado arietino (carneiros).

Com o período de guerra assistimos à dispersão deste gado e ao seu abate indiscriminado, o que levou ao desaparecimento de milhares de cabeças de gado, em grande parte gado reprodutor. Muito gado foi levado para países vizinhos.

A tarefa principal desta fase é, pois, inventariar todas as pecuárias e as cabeças de gado ainda existentes, bem como proceder à sua vacinação (há mais de 2 anos que não são vacinados). Há que lutar ainda com uma série de dificuldades como: transportes para controlo do gado, verbas, instalações sem condições sanitárias e insuficientes, sistema de águas, o abate ilegal de gado, a sua alimentação.

Contudo, encontram-se já controladas pelo Estado várias pecuárias, que é o caso:

Município de Ngunza— 4 pecuárias com 5 671 bovinos;

Porto Amboim — 3 pecuárias com 7 504 bovinos;

Calulo — 3 pecuárias com 1 264 bovinos;

Kibala e Waco-Kungo — 9 pecuárias com 14 mil bovinos;

Seles — 3 pecuárias com 1 601 bovinos;

Cassongue — 6 pecuárias com 4 mil bovinos que não estão totalmente controlados devido aos saques e ataques dos fantoches naquela zona.

A pesca é outra das actividades desta província, que é alvo do apoio dos cubanos que vêm formando técnicos. A situação não é de modo algum boa.

Tem estado a ser feito o balanço das empresas que se dedicam a esta actividade e distribuído o pessoal. O Estado controla já a Pescaria do Quicombo com uma capacidade de 17 toneladas de farinha de peixe, mas que está paralisada por falta de pessoal técnico para as máquinas e também por falta de embarcações; a Pescaria Amílcar Cabral; a Pescaria de São Bento, que dá apoio aos pescadores livres; a Frimar, que se dedica à pesca de arrasto e rasteira e tem uma capacidade de congelação de 20 toneladas, encontrando-se, contudo, paralisada por falta de arrastões; a Pescaria de Ngunza que pesca com traineiras e inclui uma fábrica de farinha e óleo de peixe. Da mesma forma está paralisada por ter máquinas já velhas e que necessitam de reparação.

A comercialização do pescado é feita pela Direcção das Pescas, tendo-se conseguido, em Janeiro, escoar apenas 40 mil quilos de pescado para 8 899 toneladas em Ngunza e 38 481 toneladas em Porto Amboim em 1967.

EMULAÇÃO SOCIALISTA

15.3 — O cda. Brás da Silva, secretário-geral adjunto e responsável do Departamento Nacional de Emulação da UNTA, informou sobre os resultados do primeiro mês do plano experimental de Emulação.

Foram consideradas Empresas Exemplares por terem ultrapassado a produção média mensal de 1973: Embalagens de Angola (Luanda), Eka (Kwanza Norte), Empal, Sumangol e Confecções Quinas (Benguela), e a Fábrica Aliança (Huíla).

Também foram consideradas exemplares, por cumprirem índices de disciplina (mais de 95 por cento de assiduidade e pontualidade) e os índices de alfabetização (100 por cento), as empresas: Indumil, Couambo, Secipal Balanças «Simão Vaz» (todas do Huambo), e a empresa N'Gola (da Huíla).

Dos 14 747 trabalhadores que participam no plano, já foram apurados

758 trabalhadores destacados, que deverão ainda passar pela confirmação das assembleias.

19.3 — Os trabalhadores da Sorefame do Lobito, que participam no plano de Emulação, realizaram em 40 horas de trabalho voluntário o que os colonialistas não haviam conseguido: alaram a doca de 2 800 toneladas. Uma importante vitória, conseguida com o esforço colectivo dos trabalhadores.

23.3 — Os trabalhadores mais destacados na emulação, durante o mês de Fevereiro, concentram-se em Luanda para, como estímulo, participarem dos actos públicos da visita do camarada comandante Fidel Castro.

— A UNTA divulgou um documento de orientação, para a realização de Assembleias de Produção ou de Serviços.

ANGOLA E O MUNDO

VISITA DO CAMARADA FIDEL CASTRO

No dia 18 de Março foi oficialmente anunciada a chegada do Camarada Comandante Fidel Castro a Angola.

«Unidos pelo sangue derramado em defesa da revolução fertilizando a liberdade no solo angolano e garantindo a sua consolidação no solo de Cuba, os povos cubano e angolano ofereceram ao mundo um novo exemplo de internacionalismo e de concepção de vida», diria o «Jornal de Angola».

O camarada Fidel chegou no dia 23 a Luanda, onde foi entusiasticamente recebido.

No da seguinte, depois de depôr um ramo de flores no túmulo do soldado desconhecido, o camarada Fidel Castro e sua comitiva foram a Kifangondo, onde os esperava o camarada Presidente Agostinho Neto. Em seguida seguiram para Caxito, onde o Comandante Castro tomou a palavra:

«... As forças revolucionárias combateram e, um dia, libertaram este povo. E nós ainda nos lembramos das notícias: «Caxito foi libertado». Que grande notícia!

Vocês reparam agora como tudo mudou, a diferença entre os mercenários, os reaccionários e a Revolução Agora, está a Revolução no Caxito, trabalhando para vós, defendendo os direitos do povo, protegendo a liberdade popular, organizando as escolas e os serviços médicos. Agora, por todo o lado se vêem crianças alegres e felizes, que se preparam para o dia de amanhã. Mas há algo, tanto ou mais importante do que isso: o trabalho, o desenvolvimento da economia, a produção.

(...) Sei que produziram quase 10 mil toneladas de açúcar ,e isso foi bom — dez mil toneladas de açúcar para a alimentação do Povo, para adoçar a vida dos angolanos. Porque este açúcar já não é para os exploradores, nem jamais o será; esta fábrica, estas plantações, este açúcar é para o Povo.

Sei que o Camarada Neto lhes pede um esforço maior para o próximo ano e lhes traçou uma meta de 15 mil toneladas. Para isso, é necessário colher a cana, limpá-la, fertilizá-la, irrigá-la. É necessário preparar a central açucareira com tempo. Há que organizar bem o trabalho — o trabalho é muito importante para a Revolução.

(...) A Independência não significa a obtenção imediata do bem-estar, da riqueza. A Independência significa a oportunidade de se começar a trabalhar para si mesmo, porque os colonialistas só deixaram ignorância e pobreza. O triunfo da Revolução significa a consolidação da Independência. Sem Revolução não há verdadeira independência e sem Socialismo não há Revolução. Para que lutaram os angolanos durante tantos anos? Por que morreram os angolanos — dezenas de milhar de angolanos?

Não lutaram e morreram para estabelecer aqui o neoloconialismo; não lutaram e morreram para estabelecer aqui o capitalismo; não lutaram e morreram para estabelecer aqui ou para ter aqui os privilégios; não lutaram e morreram para manter em Angola a exploração do homem pelo homem.

**Lutaram para libertar, lutaram pela Independência, lutaram pela Justiça.
tiça».**

Na tarde desse mesmo dia, o ilustre visitante iria ao Bairro do Golfe de Luanda, onde houve um comício, em que o Camarada Fidel disse:

«(...) Sabemos também a história revolucionária deste musseque: nenhum grupo fantoche abriu aqui delegação. E quando o MPLA convocava as massas para a luta, na vanguarda estavam os homens e mulheres do musseque do Golfe.

(...) Antes de vir a Luanda ,todos os cubanos me diziam: «Luanda é uma cidade muito bonita». E, efectivamente, Luanda é uma cidade bonita. Tem grandes edifícios de dez e doze andares; grandes avenidas... Mas quem vivia nesses edifícios? Os colonialistas, os burgueses, os exploradores. E onde vivia o Povo angolano? Nos musseques nesses musseques, que temos visto.

(...) Agora vemos o governo angolano tratando de resolver esta situação — e isso não é fácil. Novas habitações começam a ser construídas. Bem, quando se acabarão os musseques em Luanda? Leva tempo. Em Havana também tínhamos os nossos musseques — e levou tempo. (...)

Que está a fazer o governo angolano? Está a trabalhar em alguns desses prédios. Mas, ao mesmo tempo, está com novos planos de habitações para resolver a situação dos musseques. A nós, visitantes, parece-nos uma coisa correcta e inteligente. (...)

«Em nosso entender a solução não pode ser a solução burguesa, porque os burgueses construíam para uns poucos, a Revolução tem que construir para todos. Se a Revolução fosse resolver os problemas construindo edifícios burgueses nem daqui a cem anos o problema estará resolvido...

Nós já temos 18 anos de Revolução e, no entanto, ainda não podemos resolver o problema da habitação. O Socialismo tem que fabricar habitações para as massas, tem que fazer habitações económicas. (...)

Realmente, se queremos ter uma lição do que foi o colonialismo, o capitalismo e a exploração do homem pelo homem, basta percorrer as ruas de Luanda: casas fabulosas, edifícios preciosos para uns poucos, rodeados de musseques. E ali tinham de tudo: água, electricidade, móveis, escolas para os seus filhos magníficos hospitais, automóveis, milhares de

coisas. E o povo não tinha nada. No musseque não havia água, nem electricidade, não havia ruas, não havia transportes, não havia escolas nem médicos.

No musseque faltava tudo o necessário e sobrava tudo o que era mau: sífilis, tuberculose, desnutrição, enfermidades de todos os tipos, analfabetismo, ignorância, desemprego, humilhação, discriminação, sofrimento, pobreza, miséria.

Se queremos saber quanto custa a Revolução, não temos que aprender em nenhum livro — ainda que os livros sejam necessários. Basta percorrer os musseques de Luanda e percorrer a chamada cidade moderna de Luanda, para compreender quanto era justa a Revolução. (...)

Compreendemos estes problemas. Por isso solicitamos aos nossos trabalhadores da construção em Cuba, a colaboração para ajudar o desenvolvimento da construção civil em Angola. E por isso há já centenas de construtores cubanos neste País. (...)

Este, é um compromisso importante. Temos trabalhadores da construção que vêm colaborar em muitas tarefas e temos esses trabalhadores a trabalhar por conta do nosso País. (...)

Somos um País pequeno e gostaríamos de fazer mais ainda. Daremos o máximo. (...)

«Hoje, antes de chegar aqui, explicaram-nos os planos de construção em toda a Angola, porque o Governo revolucionário angolano não trabalha só em Luanda e para Luanda. Trabalha em todo o País. É realmente notável que, quando não passou ainda um ano desde a libertação total de Angola, já existam esses planos e já se trabalhe em tantos lugares diferentes. Construindo habitações, escolas, hospitais, estradas, fábricas — e quanto há a construir ainda!

Sabemos por experiência própria: construímos as dez primeiras escolas — e não chegaram. Depois construímos cinquenta — e não chegaram. Depois construímos cem — e não chegaram. Depois construímos duzentas — e ainda não chegavam... Porque havia muitas crianças em toda a parte e todos os estudos precisam de professores e escolas».

No dia 25, o Camarada Fidel Castro seguiu para Moçâmedes, Lubango, Benguela e Lobito, onde foi sempre recebido com imenso entusiasmo e carinho. Das palavras que dirigiu aos povos destas terras destacamos:

LUBANGO:

«(...) Recordamo-nos dos dias difíceis da guerra da independência, quando os racistas sul-africanos lançaram as suas tropas, os seus tanques e sua artilharia para invadir este País. Imagino que amargos dias foram esses, para vocês, quando os racistas, os criadores do «apartheid» ocuparam está cidade. Imagino como foram amargos esses dias, quando os fantoches saqueavam, roubavam, matavam, torturavam e lutavam entre si...

Mas sabemos, também que no momento da chegada das forças revolucionárias ao Lubango, já vocês, por vocês mesmos, haviam libertado a cidade e chegou ao mundo a boa notícia: «Lubango libertado». «...)

Agora, na segurança e na paz, vocês podem consagrar-se ao trabalho criador, para construir escolas, educar os vossos filhos, a construir casas, fábricas, e a produzir alimentos para vós e para todo o Povo de Angola.

Há milhões de angolanos. Uns produzem sapatos, outros produzem roupa, outros produzem arroz, outros produzem pescado. Têm que produzir alimento. Têm que impulsionar a agricultura. Têm que produzir mais milho, muito milho para vocês e para o povo de Angola.

Esta Província é uma das mais importantes produtoras de milho. E vocês, haviam libertado a cidade e chegou ao mundo que os lubangueses são revolucionários. Vocês amam a vossa Pátria. Vocês amam e apoiam o MPLA. Vocês admiram e gostam do companheiro Neto. E o companheiro Neto disse que é necessário aumentar a organização, que há que obter mais preparação. Há que estudar, há que elevar a produtividade e que trabalhar.

Se no passado, a vitória se conquistava com as armas e com o sangue, hoje a Revolução faz-se e a vitória conquista-se com o suor e com o esforço.

BENGUELA:

Para nós o nome de Benguela e do Lobito são familiares. Muito familiares. Recordamos os dias dolorosos em que os racistas sul-africanos se aproximavam destas cidades. Recordamos os heróicos combatentes de 3 de Novembro. Os heróicos combates de 3 de Novembro, em que os alunos da Escola Militar de Benguela, com os instrutores cubanos, combateram e derramaram o seu sangue para defender esta cidade. Então, o inimigo tinha uma grande superioridade em tanques em canhões e em homens. E a cidade de Benguela e do Lobito foram ocupadas pelos racistas sul-africanos e seus fantoches. Sabemos que neste mesmo lugar e neste mesmo aeroporto onde nos encontramos hoje, se combateu. E o povo de Benguela e do Lobito, na Segunda Guerra de Libertação, tiveram de suportar aqui a ocupação dos racistas. Neste aeroporto desembarcaram homens e armas. E vocês tiveram aqui dias duros e amargos de ocupação racista e dos traidores e fantoches, aliados a eles.

Para além do mais, o povo de Benguela era o centro de um ódio especial dos agressores e dos traidores, porque sabiam que o povo de Benguela era um povo muito patriota e havia apoiado sempre o MPLA.

Nesta mesma cidade travaram-se duras batalhas. O inimigo foi, por fim, contido e derrotado.

Agora vocês consolidam a independência, garantem a sua liberdade, realizam a sua Revolução, desenvolvem as Forças Armadas angolanas, para estarem em condições de defenderem essa Independência, e essa Revolução, para defender o Socialismo. Com vocês estarão todos os povos progressistas do Mundo, com vocês estarão os vossos irmãos cubanos.

Agora chegou o momento da reconstrução do País, do Trabalho criador. Chegou o momento de pôr a funcionar as fábricas, para produzir bens para o Povo. Chegou o momento de pôr a funcionar as fábricas, para produzir bens para o Povo. Chegou o momento de trabalhar na agricultura, para produzir alimentos para o Povo. E nós sabemos que apesar dos danos que fizeram os traidores e os racistas, a economia de Benguela está a marchar (...)

Sabemos que nesta província há numerosos técnicos cubanos colaborando com vocês. Sabemos que há dezenas de trabalhadores da construção. Sabemos que há brigadas de médicos atendendo a vocês e aos vossos familiares. Sabemos que há aí companheiros colaborando na organiza-

zação do transporte. E, enfim, não sei se estarei dizendo um grande segredo ,mas creio que há aí cerca de duzentos cubanos nesta província colaborando com vocês na paz(...)

Agora faz falta organizar os transportes. Há que trabalhar no transporte das coisas de um local para o outro, alimentos, equipamentos, matérias-primas. Há que transportar angolanos de um local para o outro. A República Popular de Angola está a adquirir milhares de meios de transporte, de camiões, autocarros, e faltam motoristas, para conduzir estes veículos. A República de Angola está a organizar escolas para formar tractoristas, para formar condutores de camiões e de autocarros.

Há quem diga que os angolanos gostam de correr muito... e que se produzem acidentes desnecessários. Eu não sei se vocês gostarão do nosso conselho. Mas nós recomendamos uma coisa: na Revolução, marchar depressa; nas estradas, marchar devagar.

Não destruir vidas inutilmente. Não destruir bens que agora pertencem, não aos colonialistas mas ao povo angolano (...)

Há muitos anos, muitos anos, o Companheiro Neto pensava na Independência e na Liberdade.

Há muitos anos que pensava no seu Povo, em ver o seu Povo um dia livre da opressão e da escravidão. E quando parecia que a independência estava muito longe, ainda ele não perdeu a fé, passou pelas prisões, esteve no desterro, e continuou o trabalho de organizar o povo, de organizar os revolucionários, para conquistar o formoso porvir de hoje, esta formosa realidade de hoje. Por isso compreendemos a alegria de vocês, a felicidade de vocês. E quando um povo alcança a sua liberdade, quando um povo se liberta da escravidão, quando um povo chega a conhecer a honra, toda a justiça e toda a dignidade da independência, da Revolução, quando um povo chega a conhecer o que é o Socialismo, que o Socialismo é justiça, é igualdade e a fraternidade entre os homens, este povo jamais deixará arrebatar estas conquistas (...)»

No dia 27 de Março, Primeiro aniversário da saída das tropas estrangeiras do nosso território, realizou-se na Praça 1.° de Maio de Luanda um enorme comício, onde tomaram a palava os Camaradas Presidente Agostinho Neto e Fidel Castro. Do discurso do Camarada Fidel Castro destacamos:

«(...) Depois da guerra, começou o difícil período da reconstrução nacional. Mas os imperialistas não estavam dispostos a permitir que o Povo de Angola trabalhasse em Angola, e insistiam em que Cuba retirasse todos os seus militares de Angola. Que queriam? Iniciar de novo as agressões contra o povo de Angola! Atacar de novo por Cabinda, pelo Norte e pelo Sul!

Qual era o nosso dever? Manter, por um lado, a colaboração militar com a República Popular de Angola, enquanto se organizam, treinam e equipam as Forças Armadas de Angola. Chegará o dia em que vocês não necessitem da nossa colaboração militar. Chegará o dia em que o Povo de Angola conte com suficiente número de unidades militares, tanques, canhões e aviões, soldados para enfrentar todas as agressões, para enfrentar todas as agressões imperialistas.

Depois da guerra, o número de combatentes cubanos, em Angola, diminuiu progressivamente. E o número de trabalhadores civis, quer dizer técnicos para a reconstrução do País, aumentou dia após dia.

Sobre isto, há uma questão de política internacional muito importante. Como vocês sabem, o nosso País — um país pequeno do outro lado do Atlântico — está constantemente ameaçado pelos imperialistas. Os imperialistas estabeleceram um bloqueio económico contra Cuba, que dura já mais de dezassete anos. Os imperialistas ianques exigiam que Cuba retirasse a sua colaboração militar em Angola ou, de contrário, o bloqueio não cessaria, como não cessaria a hostilidade contra a nossa Pátria.

Por isso, desejo aproveitar esta oportunidade para definir as posições de Cuba.

A nossa colaboração, militar e civil, com o Governo de Angola baseia-se nos acordos entre os Governos de Angola e Cuba. Nós, jamais negociaremos com os imperialistas esta colaboração! (...)

Existem os acordos entre Angola e Cuba. Que armas, que número de combatentes cubanos vão permanecer em Angola e durante quanto tempo? Isso está acordado entre os Governos de Angola e de Cuba. E isso não temos que discutir com os imperialistas ianques (...)

Assim, este ponto deve ficar bem claro: foi o governo imperialista dos Estados Unidos que aventou as agressões contra Angola. Toda a gente sabe que, desde o princípio, a «Fnla» foi financiada pela CIA e pelos imperialistas ianques. Toda a gente sabe que a «Unita» foi financiada pelos colonialistas portugueses e, mais tarde, pelos racistas sul-africanos.

Foi o governo imperia-

lista dos Estados Unidos que encorajou o governo neocolonialista e reaccionário do Zaire a enviar as suas tropas contra Angola. E foi o governo imperialista dos Estados Unidos que encorajou e impulsionou os racistas sul-africanos para invadirem Angola.

A verdade histórica é que só uma força, verdadeiramente revolucionária, levantou em armas o Povo de Angola, pela sua independência. E essa força foi o MPLA.

Por isso, hoje o MPLA dirige o País e leva-o, na independência, pelos caminhos da Revolução e do Socialismo. Mas o MPLA dirige o País pela vontade do seu Povo, pela vontade das massas. Senão, que o diga esta gigantesca concentração de Luanda (...)

O governo neocolonialista e reaccionário do Zaire disse que os katangueses estão a ser dirigidos por oficiais cubanos. Essa é uma acusação mentirosa e hipócrita!

Aproveitamos esta ocasião para declarar, de maneira categórica, que não há um só soldado nem oficial cubano com os katangueses, que o nosso País não forneceu armas nem treinamento aos katangueses, que o nosso Governo nem sequer tinha qualquer notícia dos acontecimentos que ali se desenrolaram.

E nós não mentimos. Quando apoiávamos já Angola e para aqui enviámos armas e combatentes, declarámo-lo publicamente. Nós seguimos uma linha de princípios e mantemos sempre uma atitude moral e digna. O nosso País e Partido, responsabilizam-se pelos seus actos (...)

Nós somos testemunhas, como o são os governos progressistas do Mundo, de que o Povo de Angola, depois da independência, seguiu uma política de paz e de boas relações com os países vizinhos africanos. E o Governo Revolucionário de Cuba apoia essa política de Angola. Porque nós jamais nos associaremos a lutas entre os povos da África negra. Qualquer luta entre povos da África negra, ajuda os imperialistas. Porque o inimigo principal, do nosso ponto de vista, é o imperialismo, são os racistas sul-africanos, são os racistas que ocuparam a Namíbia e são os racistas que oprimem o Zimbabwe. Este é o inimigo principal (...)

Não há homens cobardes nem homens valentes; nem povos cobardes ou povos valentes; não há soldados cobardes ou soldados valentes: o valor depende da motivação que o homem tem, que o soldado tem.

Quando o soldado defende a sua pátria, quando defende uma causa justa, é muito valente. Quando o soldado se vê obrigado a defender uma causa injusta, quando se vê obrigado a cometer um crime ou um acto de agressão, facilmente se desmoraliza, não é valente. E a história presente demonstra que os soldados do governo neocolonialista e reaccionário do Zaire não servem para nada (...)

As nossas relações desenvolver-se-ão porque se baseiam em princípios e o princípio fundamental em que se baseiam as nossas relações é o nosso respeito absoluto à soberania do país, o nosso respeito absoluto pelos assuntos de política interna, a nossa lealdade ao MPLA, à direcção do MPLA e, em especial, ao Companheiro Neto. E esta é a nossa política com todos os povos irmãos de África, com os quais colaboramos (...)

Há um número crescente de técnicos cubanos trabalhando em Angola. A eles me dirijo. Sei quantos sacrifícios significa esse esforço, quantos sacrifícios significa estar separado da pátria, da família, dos companheiros, dos seres queridos. Sabemos que os nossos técnicos realizam este esforço com sacrifício, pois os nossos técnicos vêm sozinhos. Seria muito dispendioso para Angola que os nossos técnicos e trabalhadores viessem com os seus familiares para Angola.

Por isso, a nossa, colaboração, com o povo de Angola, na paz, tal como na guerra, significa esforços e significa sacrifícios. Se alguma coisa posso dizer hoje, aos nossos compatriotas, se alguma coisa lhes posso pedir, é que mantenham sempre alto os princípios revolucionários, as bandeiras do Internacionalismo, a humildade, a modéstia. Que nunca se diga que um revolucionário cubano foi auto-suficiente ou se considerou melhor que os outros, ou superior aos outros.

E o que vimos em toda a parte de Angola, onde estivemos com a nossa delegação, anima-nos. Conversamos com os médicos, com os técnicos da saúde, com os cubanos que colaboram com os angolanos em muitas frentes de trabalho. Pudemos observar neles realmente entusiasmo, espírito de sacrifício, fraternidade e sobretudo um imenso carinho pelos angolanos, pela Revolução angolana. Pudemos observar nos nossos compatriotas o interesse de trabalhar e de lutar como se estivesse na sua própria pátria. Mas devo dizer algo mais: é nosso dever trabalhar em Angola mais do que se estivéssemos na própria Cuba.

Os imperialistas não entendem isso e perguntam porque razão os cubanos ajudam os angolanos.

(...) Para nós, os marxistas-leninistas, todos os povos são irmãos, todos os trabalhadores devemos unir-nos para lutar contra a exploração do homem pelo homem, para lutar contra o imperialismo, para lutar contra a injustiça, para lutar pela fraternidade de toda a humanidade (...)

O Presidente Agostinho Neto consagra todas as suas horas, do dia e da noite, a trabalhar para o povo angolano. Penso que os homens passam e os povos ficam. Penso que nenhum homem é insubstituível. Sou inimigo do culto da personalidade. Mas sei também que em determinados momentos históricos um dirigente joga um papel de extraordinária importância. Este foi o papel do Companheiro Neto na condução do seu povo até à Independência e à Revolução. Este foi o papel do Companheiro Neto na Primeira e Segunda Guerra de Independência. Esse é o papel do Companheiro Neto nesta etapa de reconstrução do País, da criação do Partido e da marcha do Povo Angolano até ao Socialismo. O prestígio do Companheiro Neto, a sua incansável luta pela Independência de Angola, a sua confiança durante os dias difíceis da prisão e do desterro, foram factores fundamentais para o apoio que o MPLA encontrou nos países revolucionários e no movimento progressista mundial. Há que ajudar o Companheiro Neto. Isto digo-o, em primeiro lugar, aos trabalhadores angolanos, aos camponeses, às mulheres angolanas. E digo-o aos combatentes das FAPLA e aos combatentes da Segurança. O imperialismo conspira muitas vezes para liquidar os dirigentes revolucionários, porque sabe que o povo necessita de chefes, necessita de líderes para o combate revolucionário. Quando os anos passam, os processos institucionalizam-se, o Partido cria-se e os homens são cada vez menos importantes. Mas nesta fase em que vive o Povo de Angola os dirigentes têm um papel fundamental. E por isso é que eu digo que há

que apoiar o Companheiro Neto. Há que defendê-lo. Há que protegê-lo.

Quanto ao Camarada Presidente, ele diria:

«Um só Povo

Uma só Nação!

Compatriotas e Camaradas:

Antes de dizer alguma coisa sobre esse acto importante, sobre essa visita impressionante que nós acabamos de ter, vou pedir a todos os camaradas que prestemos alguns momentos de sentimento, de homenagem, à memória do nosso querido camarada comandante Marien Ngouabi. Vamos fazer um minuto de silêncio».

«Muito obrigado, camaradas.

Estimado Comandante Fidel Castro:

Camaradas membros da Delegação Cubana:

Camaradas militantes do MPLA:

Tenho hoje a grande honra de servir de elo de ligação entre o Povo Angolano e o Povo de Cuba, que está aqui representado pelo seu mais alto dirigente e pelos mais altos expoentes do Partido Comunista Cubano.

Nós tivémos a honra desta visita. Esta honra deve-se à luta do Povo de Angola, à luta dos componeses e dos operários, de todos os nacionais patriotas, que pegaram em armas, que sob o ponto de vista político se opuseram contra o colonialismo. E é em relação a este Povo, em relação aos combatentes contra o colonialismo, em relação a todos aqueles que se opuseram contra os colonialistas, que se deve esta honra da visita de uma delegação de Cuba, em que figura o seu mais alto dirigente, o nosso estimado amigo Fidel Castro.

COOPERAÇÃO DOS POVOS DEFENSORES DA PAZ

A nossa luta deveu-se, também, à cooperação entre diversos povos da África, povos progressistas, entre povos que não pertencem ao nosso continente, mas que, estão sempre defendendo o progresso no Mundo, a defender a liberdade dos povos, defender a paz, que defendem, de facto, os interesses das classes mais exploradas dos regimes colonialistas ou neocolonialistas. E entre esses povos, entre aqueles que apoiaram a luta, em Angola, conta-se, naturalmente, o Povo Cubano. E por isso, em nome do Povo Angolano, em nome de todos os militantes do M P L A, em nome nome do Comité Central do MPLA, eu quero agradecer ao estimado Camarada Fidel Castro, a toda a delegação cubana, que está aqui presente, o facto de terem dispensado, alguns dias dos imensos trabalhos que têm no seu país, para nos visitar, para falar diariamente ao Povo àcerca da sua experiência, àcerca daquilo queé a orientação revolucionária dos povos de todo o Mundo.

Nós agradecemos muito aos camaradas cubanos, não somente por esta visita, mas sabemos que hoje, dia 27 de Março, é a data em que nós celebramos a derrota dos racistas sul-africanos.

Foi no dia 27 de Março do ano passado que os sul-africanos se retiraram do nosso País. Tiveram que retirar-se por causa da luta vitoriosa que foi travada aqui no interior do nosso País, contra os racistas, pelas forças angolanas, pelas gloriosas FAPLA. E também por aqueles que nos vieram auxiliar, os camaradas cubanos, os camaradas guineenses, os camaradas da Guiné-Bissau.

Por outro lado, o apoio técnico para esta vitória, para a vitória sobre os sul-africanos, veio dum país que foi o primeiro a realizar a Revolução Socialista, da União Soviética.

UMA VITÓRIA DAS FORÇAS PROGRESSISTAS DO MUNDO

Quer dizer, que quando nós lembramos este dia, esta vitória, temos de imediatamente pensar também que ela não é só, embora seja principalmente, a obra dos angolanos, mas é de todo um conjunto de forças progressitsas que existem hoje no Mundo e que permitem que hoje nós sejamos independentes e estejamos a construir a nossa vida, em direcção ao Socialismo. Nós temos esta felicidade hoje, esta glória, esta honra. Outros povos ainda estão a lutar pela sua independência. Nós gostariamos que estivessem

aqui presentes alguns dos nossos camaradas que estão a combater, os camaradas que estão a combater na Namíbia, estão a combater no Zimbabwe, estão a combater na África do Sul para derrotar os racistas. Não foi possível organizar as coisas de maneira a que eles estivessem presentes, hoje aqui, neste acto. É possível que dentro de um ou dois dias estejam aqui, para cumprimentar-nos, porque esta vitória, sobre a África do Sul, é importante. No entanto, recebemos algumas mensagens de camaradas, de dirigentes dos movimentos de libertação que se solidarizam connosco, nesta data, e enviam as suas felicitações ao Povo Angolano.

TEREMOS AINDA UM LONGO CAMINHO A PERCORRER

Camaradas:

Aproveito este momento, momento em que devemos despedir-nos da Delegação Cubana, que termina hoje a sua visita oficial e de fraternal amizade à Angola, devemos aproveitar esta oportunidade, para dizer que se nós tivemos muitos êxitos durante este primeiro período de independência, nós ainda teremos um longo caminho a percorrer. E esse caminho é indicado pelos camaradas trabalhadores que foram premiados com a distinção de trabalhadores distintos, pela sua produtividade, pela sua dedicação ao trabalho, porque a nossa opção socialista tem, naturalmente, de passar pela reconstrução económica. Não pensemos que o socialismo se fará sem reconstruirmos a nossa economia, sem que nós possamos produzir o suficiente no nosso País, sem que nós possamos mudar as relações de produção. E isto passa pelo trabalho. É preciso trabalhar cada vez mais.

É PRECISO LIQUIDAR AS FORMAS NEGATIVAS QUE AINDA EXISTEM NO NOSSO SEIO

Eu não devo deixar de dizer também aos camaradas, neste momento, que se nós queremos o Socialismo devemos estar prontos a combater. A nossa defesa tem de ser uma preocupação de toda a juventude angolana, de todos aqueles que querem, de facto, defender o Socialismo. Não pensemos em Socialismo sem defesa. Temos grupos de bandidos, temos sabotadores, temos reaccionários no nosso meio. É preciso liquidá-los. É preciso liquidar estas formas negativas que ainda existem no nosso meio.

Estamos, camaradas, dispostos a discutir todos os problemas. Vamos ter a grande discussão no Congresso. Mas estas discussões não devem evitar o trabalho, não devem prejudicar a nossa vida de Reconstrução Nacional. Porque nós estamos numa fase em que coexistem algumas formas progressivas de organização e algumas formas que ainda são retrógadas. No plano económico, temos formas socialistas e temos também a coexistir formas capitalistas. Por isso, camaradas, vamos trabalhar conscientemente, sabendo bem quem são os nossos aliados, sabendo bem quais são os nossos objectivos, sabendo bem por onde é que nós devemos passar.

E não tenhamos ideias vãs de atingir o Socialismo só com palavras. Não atingiremos o Socialismo só com palavras. É preciso trabalhar. E aquele que não trabalha não está, de maneira nenhuma, a contribuir para o Socialismo no nosso País.

Compatriotas e camaradas:

Eu não queria ser muito longo. Senão iria repetir tudo o que nos disse o camarada Fidel Castro. Quero, para terminar, exprimir, mais uma vez, em nome de todo o Povo angolano, no nome das populações que nós acabamos de visitar, aqui da província de Luanda, em Benguela, na Huíla, Moçâmedes, o nosso agradecimento pela visita amável e fraternal que nos fez a delegação cubana, chefiada pelo camarada Fidel Castro.

Viva Cuba!
Viva o Povo cubano!
Viva o Povo angolano!
Viva o Partido Comunista de Cuba!
Viva o MPLA!
A Luta Continua!
A Vitória é Certa!
Pátria ou Morte, Venceremos!

CIMEIRA DOS PAÍSES DA LINHA DA FRENTE EM MOÇAMBIQUE

Acompanhado, entre outros, pelos camaradas Iko Carreira e Ludy, ambos membros do Bureau Político do MPLA e respectivamente Ministro da Defesa e Director Nacional da DISA, deslocou-se a Maputo, no dia 14 de Março, o camarada Presidente Agostinho Neto. Aí encontrou-se com os presidentes Samora Machel, de Moçambique, Julius Nyerere, da Tanzânia, Kenneth Kaunda, da Zâmbia, e Seretse Khama, do Botswana, para uma nova Cimeira da Linha da Frente. Não foi publicado qualquer comunicado oficial. À sua partida da Beira, no dia 15, o camarada Presidente foi entrevistado pelos jornalistas, tendo dito:

«Estamos numa fase de reconstrução nacional» — começou por dizer o camarada Presidente. E prosseguiu: «Neste momento dá-se enfase, no nosso País, à reconstrução económica. Quer dizer, damos ênfase à tarefa da colectivização na agricultura, ao confisco e às nacionalizações de empresas industriais, a todas as formas de progresso no sentido de retirar ao sector privado os bens materiais de que dispunha unicamente para si próprio, e pô-los à disposição do nosso Povo.

Mas, para realizar a colectivação profunda, é necessário transformar a mentalidade. E a mentalidade estamos a tentar transformá-la com o trabalho intensivo junto das massas, pelo MPLA, que vai realizar o seu Congresso no fim deste ano e, certamente, com o objectivo principal de formar um partido marxista-leninista. (...)

— A Cimeira é um encontro que nós temos feito habitualmente, para analisar a situação na África Austral, para examinar o estado das forças combatentes e para podermos tomar as medidas necessárias ao progresso da luta. Nós todos desejamos que a África se liberte, o mais depressa possível, dos colonialistas, dos racistas, e do imperialismo em geral.

Esta Cimeira foi óptima, foi boa. Tomaram-se algumas decisões. E certamente nós poderemos avançar mais na luta pela libertação de alguns países como o Zimbabwe, a Namíbia e, de certa maneira, também da África do Sul (...)

«A República do Zaire é um país vizinho com o qual nós não temos tido relações muito boas, desde a nossa independência. Reconheceu, ultimamente, a República Popular de Angola, reconheceu-a formalmente.

Tem agora os seus problemas, que são problemas que não têm relação nenhuma com Angola, mas que, de certa maneira, influenciam a posição do Zaire na sua política em relação ao nosso País.»

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

15.3 — O Camarada Elísio de Figueiredo Embaixa-

dor plenipotenciário de Angola junto das Nações Unidasí foi recebido por Kurt Waldheim, Secretário Geral da ONU.

— O tratado de amizade e cooperação entre a URSS e Angola foi ratificado pela URSS, pelo Presidente do Soviete Supremo, Nikolai Pod[illegible]y.

18.3 — O Ministro das Relações Exteriores, Camarada Paulo Jorge, convocou os Encarregados de Negócios da Bélgica e da França, a propósito da posição dos governos desses países no conflito interno do Zaire.

— Regressou uma delegação angolana que foi a Zâmbia para estabelecer acordos de cooperação com este país.

— O Presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, anunciou a sua visita para breve a Angola.

23.3 — Uma delegação governamental do Ghana, composta por vários ministros entre os quais o das Relações Exteriores e o do Planeamento, veio a Angola para conversações, que tiveram lugar com o Camarada Pedro Van Dúnem, Terceiro Vice-Primeiro Ministro e alguns ministros angolanos. A visita durou dois dias.

— O Embaixador de Portugal em Angola, Sr. João de Sá Coutinho Rebelo, entregou as suas cartas credenciais ao Camarada Presidente Agostinho Neto.

29.3 — Chegaram a Luanda os Camaradas Joshua Nkomo da Frente Patriótica do Zimbabwe, Oliver Tambo, do ANC na África do Sul e Sam Nujoma, da SWAPO. No dia 30 foram recebidos pelo Camarada Presidente e pelo Camarada Fidel Castro.

DEFESA E SEGURANÇA

3.3 — O jornal português «Página Um» comenta que a imprensa portuguesa não divulgou o comunicado feito pelo nosso Cda. Presidente, denunciando a «Operação Cobra 77».

12.3 — O «Diário de Lisboa» denuncia uma rede de recrutamento de mercenários europeus que partem de Lisboa e Madrid para lutar em Angola e na Rodésia. O jornal Português de Economia e Finanças, e as empresas madrilenhas «Marfisa» e «Marinsa», são denunciados como centros que encobrem a actividade de recrutamento e envio dos mercenários.

16.3 — Foi divulgada a lei n.° 4/77, de 25.2.77, de prevenção e repressão ao crime de mercenarismo. Diz a lei: «Comete o crime de mermenarismo todo cidadão estrangeiro que, mediante o pagamento ou a promessa de pagamento de um soldo, salário ou qualquer outra retribuição material, individualmente ou alistado ou incorporado em grupos armados não integrados no exército regular do seu país, vise atentar contra a soberania e a integridade territorial da República Popular de Angola (...)»

17.3 — Comunicado do Ministério da Defesa refere-se às informações de que os governos dos Estados Unidos, Bélgica e França enviaram material de guerra ao governo zairense, e alerta para o perigo que isso significa: «A confirmarem-se estas informações tudo leva a crer que esses países se preparam para condições tendentes à instauração de um novo Vietnam na República do Zaire e em pleno coração da África».

O comunicado esclarece:

«A República Popular de Angola reafirma solenemente que nada tem a ver com a situação reinante actualmente na província Shabá, fronteiriça ao nosso país, e noutras províncias do Zaire onde existem igualmente focos de resistência ao regime do Presidente Mobutu Sese Seko. (...) Da RPA não partiram nem armas nem tropas. O que se passa actualmente na província de Shabá e noutras províncias é o fruto do descontentamento geral da população da República do Zaire Trata-se de uma rebelião interna, contíqua à fronteira nordeste de Angola, que as autoridades de Kinshasa tentam por todos os meios internacionalizar com vista a perpectuar o regime actual. A República Popular de Angola reafirma o seu desejo de ver as potências estrangeiras, a quem o governo zairense solicitou ajuda, não interferiram num assunto que apenas diz respeito ao Povo do Zaire e espera pois que haja um suficiente bom senso por parte das mesmas para que não seja alterada a situação nesta área do continente por causa dos problemas internos de um país africano».

18.3 — 31 mortos e 16 feridos graves é o saldo do massacre praticado por um grupo armado, em três aldeias ao norte da cidade de Lândana, Cabinda. O grupo armado proveniente do território zairense, era de cerca de 50 homens, com armas norte-americanas e européias. O bando armado apresentou-se perante a população como se pertencesse ao Exército angolano. Os camponeses indefesos foram fuzilados. Cerca de 450 habitantes das aldeias em razão da chacina deslocaram-se para Lândana.

23.3 — Um comunicado do Ministério da Defesa denuncia novas agressões zairenses: «...dia 15.3.77, dois aviões zairenses violaram espaço aéreo angolano, bombardearam a aldeia de Chilengo (saliente de Cazombo); e no dia 16.3.77, outro avião zairense bombardeou as aldeias Chilumbo e Camafuafa. (Província do Moxico).

O desejo do governo de Kinshasa de internacionalizar o conflito é notório. Com estas provocações eles pretendem arrastar a República Popular de Angola para o conflito a fim de que seja encontrado o pretexto para novas agressões por parte de forças racistas e imperialistas a Angola e para que o Zaire possa ser ajudado, militarmente, a reprimir populações revoltadas contra um regime caduco.

O governo da República Popular de Angola adverte que não responde a provocações e apesar de não estar interessado em participar num conflito que é puramente interno e só diz respeito ao povo zairense, não tolerará por muito tempo, que as suas populações sejam agredidas».

EDUCAÇÃO E CULTURA

SAURIMO: Os trabalhadores de todas as escolas cumprem o horário de 44 horas semanais, indicado pelo Plenário do Comité Central do MPLA.

BIÉ: Terminou o 1.º Seminário de alfabetizadores da 10.ª Brigada das FAPLA.

HUAMBO: A 14 de Março foi inaugurado pelo Camarada Ambrósio Lukoki, membro do Comité Central do MPLA e Ministro da Educação, um curso de formação e actualização de professores do ensino secundário.

LUANDA: Encerramento, a 17 de Março, pelo camarada Pepetela, Vice-Ministro da Educação, do curso de formação de professores primários, que durou cerca de 8 meses. Terminaram o curso 131 alunos, tendo começado 180. O camarada Pepetela disse:

O professor primário tem um trabalho fundamental na transformação da mentalidade do Povo começando, em particular pelos nossos pioneiros. Não são quaisquer crianças que vão ficar nas

vossas mãos. São crianças com um papel decisivo amanhã para a construção da sociedade nova, a sociedade socialista.

— No Bairro Neves Bendinha a campanha de alfabetização conta com 613 alfabetizandos e 54 alfabetizadores.

Um Seminário que formará mais 27 alfabetizadores está em curso.

— O Camarada Ambrósio Lukoki presidiu a 30 de Março a uma reunião com os responsáveis dos centros provinciais de alfabetização, a fim de se fazer um balanço da actividade desenvolvida.

ZAIRE: Uma dezena de camaradas da JMPLA e das CPB participam num seminário de alfabetização em Mbanza Congo.

KWANZA SUL: A alfabetização processa-se em condições difíceis por falta de material didáctico. Assim, segundo relata o «Jornal de Angola»: «Arranjaram tábuas, de uma madeira especial, fácil de ser raspada. E é nelas que escreyem as lições. Mas como também não há lápis nem tinta, passaram a escrever com penas, servindo-se de uma tinta extraída de certas plantas. No final de cada liçao é só raspar a tábua com uma taca, e fica pronta para a aula do dia seguinte».

Sabe-se da existência de 103 417 analfabetos e 31.000 já aprenderam a ler e a secrever. Há 4.473 alfabetizadores, 1.860 com curso. Das brigadas «Henda» trabalham 903 alfabetizadores.

CABINDA: Encerramento do 5.º Seminário de Alfabetização em Buco Zau.

CULTURA

Segundo o jornal português «O Diário» de 16 de Março, a «colectividade de pintores satíricos de Angola» recebeu a medalha de prata da exposição internacional «A Sátira na Luta pela Paz», em Moscovo.

O cientista Angolano, Professor Doutor José Luis Guerra Marques, director do Laboratório de Engenharia de Luanda, recebeu a Medalha de Ouro do «American Concrete Institute».

SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Terminou a campanha de recenseamento também em Malanje, no Kuanza Sul e no Bié.

Em Conferência de imprensa, o Camarada Kassessa, Ministro da Saúde, informou já terem chegado os dados sobre o recenseamento de cerca de 1.232.000 crianças.

Já começaram a ser enviadas vacinas para as diferentes províncias afim de a vacinação começar a 7 de Abril.

Está prevista uma larga e longa campanha de vacinação a nível nacional também, contra a tuberculose, o tétano a difteria, o sarampo, a febre amarela e a varíola.

Refugiados

O Alto Comissariado das Nações Unidas entregou 57 viaturas à Secretaria dos Assuntos Sociais para ajuda ao seu trabalho, se bem que este número de viaturas seja muito insuficiente para as necessidades existentes.

OS NOMES DAS RUAS E AVENIDAS DE LUANDA

A Comissão Coordenadora da Toponímia da Cidade de Luanda, paralizada há alguns meses, volta a funcionar. Foram aprovados os 10 critérios que servirão de base para as mudanças dos nomes: Esses critérios foram estabelecidos junto com as Comissões Populares de Bairro.

1. — Banir todos os nomes de indivíduos que atentaram coutra os direitos fundamentais do Povo Angolano;

2. — Manter os nomes antigos alterados pela Administração Colonial;

3. — Retirar nomes de datas históricas portuguesas;

4. — Indicar nomes de figuras ilustres angolanas já falecidas, que defenderam o princípio da independência;

5. — Indicar nomes de angolanos já falecidos e que participaram ao ataque às prisões em 4 de Fevereiro e dos heróis e mártires que tombaram na defesa da Pátria, nas cadeias e campos de batalha;

6. — Indicar nomes de figuras de projecção universal ou de indivíduos estrangeiros que ajudaram a libertação de Angola;

7. — Nomes de escritores revolucionários mortos;

8. — Datas célebres da nossa História;

9. — Nomes de Palavras de Ordem;

10. — Nomes de países ou cidades de países amigos.

ÁFRICA AUSTRAL

ZAIRE

PEQUENO DOSSIER DO ZAIRE

O Zaire é uma República com um regime neocolonialista, designada por República do Zaire.

Superfície — 2.345.409 km² (quase o dobro de Angola)
População — 24 milhões de habitantes
Capital — Kinshasa (aproximadamente 2 milhões de habitantes)
Moeda — O Zaire
Principais riquezas — minerais: cobre, cobalto e diamantes
— agrícolas: café, óleo de palma e borracha

RESUMO HISTÓRICO:

1885 a 1908 — «Estado Independente do Congo» como «Propriedade Privada» do Rei da Bélgica
1908 — O Estado belga COMPRA ao Rei o actual Zaire
1960, 30 Junho — Dia da Proclamação da Independencia e da República do Congo
1961, 17 Janeiro — Assassinato de Lumumba
1964 — Rebelião mulelista (Pierre Mulele)
1965, 24 Nov. — Golpe de Estado e tomada de posse de Mobutu Sese oeko
1967, 20 Maio — Fundação do MPR (Movimento Popular da Revolução), no poder
1971, 23 Out. — Mudança do nome de República Democrática do Congo para República do Zaire
1977, 8 Março — Início da Rebelião do Shaba

SHABA (ex-Katanga)

Shaba é a província mais ao sul do Zaire, tendo por capital Lubumbashi.

Sua capital económica é Kolwezi.

Esta província conta com uma população de 3 milhões de habitantes. É aí que se concentram as maiores riquezas minerais do país: cobre, cobalto, manganésio, zinco e urânio.

A Bélgica, a França e os Estados Unidos são os países capitalistas que maiores interesses têm na região.

A ENVERGADURA DA PENETRAÇÃO DO CAPITAL AMERICANO NA ECONOMIA DO ZAIRE:

Capital privado — quase 1 bilião de dólares só na indústria mineira;

De 1963 a 1973 os Estados Unidos concederam ao governo zairense créditos e empréstimos da ordem dos 500 milhões de dólares;

Mais de 308 milhões de dólares foram investidos na construção da Central Eléctrica de INGA sobre o rio Congo, e na instalação de uma linha de transporte de corrente de alta tensão que ligará a central aos jazigos de minérios na província do Shaba;

Os Estados Unidos compram ao Zaire 50% do cobalto necessário à indústria atómica e espacial

americana. As jazidas do Shaba produzem anualmente perto de 17.000 toneladas deste metal precioso.

O Zaire fornece 7% do cobre, 67% do cobalto e 1/3 dos diamantes industriais etxraídos no mundo capitalista.

ZAIRE

A REBELIÃO DO SHABA

12.3 — Segundo autoridades zairenses «milhares de mercenários provenientes de Angola invadiram a província do Shaba (ex-Katanga), tendo ocupado as cidades de Dilolo, Kapanga e Kisenge».

O Zaire informou o Secretário-Geral das Nações Unidas que fora «objecto de uma selvagem e sinistra agressão».

15.3 — O Departamento de Estado norte-americano anunciou que o Zaire pedira aos Estados Unidas que fora «objecto de uma selvapem e sinistra agressão».

16.3 — Segundo fontes militares zairenses os «agressores» seriam enquadrados por «especialistas cubados».

Mobutu encarregou o seu embaixador itinerante, Lengema Dulia, de uma missão de informação junto de alguns chefes de Estado Estado africanos.

A Rádio Kinshasa (A Voz do Zaire) mostrou-se particularmente agressiva para com os líderes dos países da «Linha da Frente», que estavam reunidos na Beira.

Entretanto Washington começa a responder aos apelos de Mobutu. O porta-voz do Pentágono, Thomas Ross, anunciou a partida de um avião de carga DC-8 para Kinshasa, a partir da base de Dover (Delaware), «com produtos farmacêuticos, rações de combate, moxilas, tendas, pára-quedas, combustível, equipamento de telecomunicações, no valor de 1 milhão de dólares.

Um segundo aparelho americano, transportando peças sobressalentes para os aviões de carga C-130 do exército zairense, seguirá em breve, segundo foi anunciado.

O Zaire pediu igualmente ajuda a certos países da Europa Ocidental, que responderam favoravelmente aos seus pedidos.

Segundo fontes diplomáticas na Bélgica, apenas cerca de 500 pessoas tinham entrado no Zaire.

A ajuda militar que o governo americano concede este ano ao Zaire cifra-se em mais de 30 milhões de dólares e a Administração Carter tem a intenção de aumentá-la para 32,5 milhões de dólares em 1978.

A ajuda económica é de 35 milhões de dólares.

17.3 — Ao mesmo tempo que o governo belga, seguido as pistas do norte-americano, se apressa a enviar dois aviões C-130 carregados de armas para o Zaire, as autoridades francesas anunciam que estão a estudar igual pedido.

18.3 — Segundo fontes dignas de fé, a parte Sul da província zairense do Kasai Ocidental, seria palco de novas confrontações, aproximando-se da cidade mineira (diamantes) de Tshikapa.

20.3 — O governo chinês reiterou o seu apoio ao regime de Mobutu ao mesmo tempo que acusava a União Soviética de «patrocinar a invasão». O «Diário do Povo» declarava: «apoiamos decididamente a justa luta do povo contra a agressão estrangeira para defender a integridade territorial e a soberania».

Karl I Bond, ministro zairense dos Negócios Estrangeiros, deixou Kinshasa com destino a Lagos, encarregado de uma missão por Mobutu, junto do General Obasanjo.

21.3 — Rádio rairense noticia que os rebeldes ainda controlam 4 distritos da província do Shaba. Kapanga, Sandoa, Kisenge e Dilolo.

Sabe-se, entretanto, que a força rebelde tem recebido um apoio activo por parte da população.

Em Dar-Es-Salam, Fidel Castro disse que o que está a acontecer no Zaire é um assunto interno e que não tem nada a ver com Cuba. Disse também que Cuba não está envolvida e e nem treinou ninguém envolvido na luta no Zaire.

22.3 — O novo pedido de ajuda zairense ao governo norte-americano levanta um sério problema à Administraçdo Carter, devido principalmente à oposição do Congresso a todo o engajamento militar americano no Zaire, segundo alguns observadores.

24.3 — Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Bruxelas disse que um avião de carga da «Air Zaire» deixou esta capital com destino a Kinshasa, levando 18 ton. de armas e munições belgas para o Zaire.

A Nigéria seria um «mediador» possível no conflito zairense. A notícia foi dada por Cyrus Vance, perante o Senado em Washington. «O Zaire aceitará esta mediação se Angola estiver de acordo».

25.3 — Sheldom Vance, que foi o embaixador americano no Zaire entre 1971 e 1974, e amigo íntimo de Mobutu, chegou a Kinshasa onde se encontrou com o presidente zairense. Funcionários americanos, ali, dizem que «a visita é estrictamente privada».

No entretanto, N'Guza Karl I Bond encontra-se no Cairo para discutir a situação do seu país com dirigentes egípcios.

No decurso de uma conferência de Imprensa, no dia 24.3, o Presidente dos Estados Unidos justificou a ajuda americana ao Zaire pelo facto de Mobutu ser «um amigo de longa data dos Estados Unidos». Confirmou igualmente que Washington, Bruxelas e Paris «coordenam os seus esforços para estabilizar a situação no Zaire».

O Zaire recebeu manifestações de solidariedade por parte de certos países africanos. Assim é que, após a estadia do enviado especial do Iperador Bokassa I na capital zainrense, o Ministro dos Negócios Estrangeiros mauritano também aí esteve, sendo portador de uma mensagem de Moktar Ould Daddah, presidente da Mauritânia.

Por outro lado, Idi Ami enviou 600 toneladas de víveres para Kinshasa.

27.3 — O embaixador itinerante do Zaire, Legema Dulia, fez uma exposição da situação no Zaire ao presidente liberiano William Tolbert, sábado passado, durante uma visita à Libéria.

29.3 — A maior companhia de construções americana no Zaire retirou os seus 41 engenheiros de Kolwezi. Esta cidade é o centro nevrálgico da indústria mineira do cobre do país, proporcionando 70% das divisas do país nas trocas com o exterior.

Segundo fontes dignas de crédito, Mutshatsha teria caído nas mãos dos rebeldes. Mutshatsha é o posto avançado do exército zairense na região, importante nó ferro e rodoviário, a 130 km de Kolwezi.

Com Mutshatsha em seu poder os rebeldes controlam agora ⅓ da provincia do Shaba.

30.3 — O Presidente em exercício da OUA. Primeiro ministro das Ilhas Maurícias, enviou ao General Mobutu uma mensagem de apoio da organização pan-africana, em seu nome pessoal.

ZIMBABWE

Salisbúria, 27.3 (AZAP):

Diante de cinco mil partidários entusiastas, Monsenhor Abel Muzorewa expôs hoje um programa de 5 pontos, do qual ele espera uma aplicação imediata para assegurar a transferência dos poderes em Salisbúria.

«É uma advertência, não é uma ameaça. Se este programa não for aplicado, continuará a efusão de sangue», declarou o bispo, no comício realizado no estádio de futebol de Highfield, o bairro africano de Salisbúria.

«Declaramos constantemente e com insistência que o único meio eficaz de realizar a paz é de obter de Smith uma entrega imediata e sem condições dos poderes, que permita uma transferência completa e global dos poderes da minoria à maioria», disse o bispo Abel Muzorewa.

O seu programa de 5 pontos exige:

1. Uma declaração categórica e sem equívoco pela qual o primeiro-ministro Ian Smith se comprometa a assegurar imediatamente a entrega do poder.

2. A organização, sem demora, de um referendo aberto a todas as raças, que permitirá aos habitantes do Zimbabwe escolher livremente seu dirigente num país submetido à regra da maioria. Em particular, Muzorewa exige a libertação de todos os presos políticos, de todos os suspeitos e de todas as pessoas sob residência fixa, e a livre participação deles no referendo.

3. Garantias acordadas pela Grã-Bretanha, seja directamente seja por intermédio das Nações Unidas ou do Secretariado do Commonwealth, para supervisionar o bom desenrolar da consulta. Estas garantias deverão assegurar a liberdade de actividade política durante todo o tempo da campanha.

4. Medidas que permitam a todos os habitantes do Zimbabwe, incluídos os nacionalistas, de tomar parte no referendo.

5. Se possível, a convocação, pela Grã-Bretanha, de uma conferência plenária que permitirá a elaboração dos detalhes de uma nova constituição.

Nos dias anteriores a esse comício, o bispo Abel Muzorewa, presidente do UANC (ou CNAU — Conselho Nacional Unido), visitou vários países africanos em busca de apoios internacionais. Na Costa do Marfim, Muzorewa declarou a 12.3 que estava disposto a negociar com o «inimigo». Disse continuar a defender o «combate», mas que «é preciso saber parar de combater quando nos apercebemos que o inimigo está fraco». Considerou positiva a contribuição da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos para a evolução da situação. Por outro lado, criticou «certas potências estrangeiras» que «buscam dividir-nos apoiando certos grupúsculos como o de Robert Mugabe e Joshua Nkomo». É evidente que essas críticas se dirigiam aos países da Linha de Frente e aos países socialistas, que reconhecem exclusivamente a Frente Patriótica de Nkomo e Mugabe.

O bispo Muzorewa, considerado o líder «mais moderado» e que transita livremente dentro da Rodésia, tem se aproximado perigosamente das soluções defendidas pelo racista Ian Smith, que é favorável a um referendo para determinar quem deve ser o representante africano para negociar com o regime minoritário. O UANC de Muzorewa pretende que o referendo seja organizado pelos movimentos nacionalistas, sem intervenção do governo.

JOSHUA NKOMO, que dirige a Frente Patriótica junto com Mugabe, qualificou de «capitulação» qualquer acordo entre Muzorewa e Ian Smith, pois tal acordo «não seria no interesse do povo». Nkomo afirmou: «Qualquer acordo seria de facto uma capitulação de Muzorewa e seus aliados diante do regime racista». «Nós combatemos um regime demoníaco. Se Muzorewa une-se a ele, nós o combateremos também».

Nkomo acrescentou ainda que as informações de que o bispo Muzorewa tem um grande apoio popular são apenas «propaganda britânica».

Os países africanos onde Muzorewa e o seu UANC estão buscando apoio são também indicações preocupantes para quem queira um Zimbabwe realmente independente. Muzorewa esteve na Costa do Marfim e no Zaire. Neste último país conversou com o Ministro dos Estrangeiros Karl I Bond. Na Costa do Marfim declarou-se disposto a negociar com Ian Smith.

Recentemente, **Robert Mugabe** acusou o Zaire, a Costa do Marfim e o Gabão de estarem a comprar carne da Rodésia, desobedecendo às resoluções da ONU e da OUA que pedem o boicote económico ao regime racista rodesiano. Mugabe acusou os regimes daqueles países de «traidores da causa africana que fazem o jogo do imperialismo». O jornal «Uhuru», do partido tanzaniano, no seu editorial de 18.3, pede que se reconsidere a presença no seio da OUA, de certos países que contrariam a vocação e os objectivos da OUA. O jornal considera uma vergonha e um perigo para a África que países que cooperam com o regime racista da Rodésia sejam membros da OUA. O jornal não cita os nomes dos países, mas a relação com as acusações de Mugabe são evidentes. Muzorewa busca o apoio dos países denunciados.

Gordon Chavunduka é o secretário-geral do UANC presidido por Muzorewa. Segundo o jornal sul-africano «Rand Daily Mail», de 17.3, Chavunduka esteve na África do Sul para negociar o apoio do governo de Vorster às propostas do UANC para a solução do problema rodesiano.

Opondo-se à Frente Patriótica, apoiada pelos países da Linha de Frente, o UANC de Muzorewa procura afirmar-se como uma alternativa «moderada

e pacífica». Sem o apoio dos governos progressistas da Linha da Frente, Muzorewa busca o apoio das potências capitalistas e dos regimes neo-coloniais africanos. Dessa forma, aparece cada vez mais claramente como a possibilidade mais viável de uma solução neo-colonialista para a Rodésia.

POLITICA AMERICANA PARA A AFRICA

5.3 — Andrew Young, embaixador americano na ONU declarou que tropas norte-americanas poderiam participar de uma Força de Paz das Nações Unidas a ser eventualmente enviada à Rodésia ou África do Sul, mas que elas nunca lutariam em defesa dos regimes racistas. Acrescentou que era improvável esse envio porque o Congresso e a opinião pública se opõem e também porque 30% dos soldados americanos são negros, que não combateriam ao lado dos racistas brancos.

19.3 — O Presidente Carter afirmou que «um conflito racial, que aumenta como uma bola de neve, ameaça a África Austral». E disse que os Estados Unidos ajudarão a chegar a governos de maioria por meios pacíficos.

Carter acaba de assinar a legislação que anula a «Emenda Byrd» e proibe a importação do cromo da Rodésia. Essa legislação foi discutida e aprovada por larga maioria pelo Congresso (Câmara de Representantes e Senado). A «Emenda Byrd» vigorava desde 1971 e permitia a compra do cromo rodesiano apesar das Resoluções da ONU que preconizavam o boicote. O argumento que permitiu a aprovação da nova legislação foi a de que o cromo da Rodésia já não é importante para a economia americana.

ÁFRICA DO SUL

INTEGRAÇÃO RACIAL

5.3 — Um porta-voz do governo sul-africano afirmou que este subscrevia o programa de integração racial proposto por doze firmas norte-americanas nas suas sucursais da África do Sul. Frisou no entanto que era problemático aplicar tal programa em seis meses. Certos círculos sindicalistas negros e brancos liberais expressaram cepticismo quanto à sua aplicação prática. O futuro ministro dos Estrangeiros da África do Sul, Roelot Botha, disse a uma agência de imprensa norte-americana que o seu governo estava de acordo com o fim da discriminação na vida quotidiana mas era contra o voto igual entre negros e brancos.

7.3 — Segundo um relatório da Escola de Ciências Económicas da Universidade do Cabo, quinze das maiores firmas norte-americanas operando na África do Sul, planeam abandonar o país devido à instabilidade social. O mesmo relatório afirma também que todas as firmas pensam em acabar com investimentos. Este relatório foi efectuado antes da subida de Carter à presidência dos EUA; actualmente a tendência para o abandono entre as firmas norte-americanas é ainda maior.

OPOSIÇÃO INTERNA

9.3 — Habitantes de Soweto manifestaram-se contra a morte de pessoas pela polícia, aproveitando as obséquias de um detido morto na prisão. Oficialmente a vítima morreu de uma embolia pulmonar.

15.3 — O governo nigeriano ofereceu mais de 200 bolsas de estudo para estudantes negros sul-africanos fugidos deste país. Os estudantes devem partir em breve do Botswana para a Nigéria.

19.3 — Dois desertores do exército sul-africano, pediram asilo político na Grã-Bretanha que o recusou por não existir legislação para tal. No entanto os dois elementos pretendem ser reconhecidos como tal e esperam que a todos os desertores sul-africanos seja concedido o estatuto de asilo político. Os dois homens disseram ainda que desertaram por estarem em desacordo com a política racista do governo sul-africano. Invocaram também a ilegalidade do regime face às resoluções da ONU.

22.3 — Em 21 de Março celebrou-se o aniversário do massacre de Sharpville de 1960. Toda a semana é considerada a Semana dos Heróis para os negros sul-africanos. O dirigente do Black's People Convention foi detido, por ter feito um apelo a uma semana de orações em memória das vítimas de Sharpville e das manifestações anti-apartheid do ano passado.

LEI SOBRE IMPRENSA

11.3 — O governo sul-africano informou que tinha intenção de introduzir uma lei de censura à imprensa. O projecto foi unânimemente rejeitado pela Newspaper Press Organization, organização que alberga todos os editores de imprensa Afrikander e Inglesa, com excepção de uma publicação. Também no Parlamento, quando o governo apresentou os primeiros detalhes sobre a lei, a oposição reagiu fortemente; assim, para tentar encontrar apoio para a sua lei de imprensa o governo pensa fazê-la recair exclusivamente sobre a imprensa inglesa e negra, mantendo-se a imprensa afrikander fora do esquema. No entanto a medida encontrou a oposição de diversos sectores afrikanders como do presidente da Perskor (uma das maiores companhias gráficas afrikander) Ben Schoemann — um prestigiado e antigo homem de Estado. O governo Vorster, face à oposição que encontrou para fazer avançar a lei de imprensa, disse que daria o prazo de um ano para que a imprensa se auto-disciplinasse, apresentando ao governo um código de imprensa renovado.

SITUAÇÃO INTERNACIONAL

10.3 — O representante tanzaniano na ONU, acusou a África do Sul de recrutar ex-soldados fan-

toches angolanos para os utilizar de novo contra Angola.

O presidente Carter dos EUA recebeu o chefe Gatsha Buthelezi do bantustão zulu, facto que o reconhece com a estatura de chefe da oposição liberal na África do Sul. O chefe Gatsha Buthelezi aspira a ser reconhecido como tal e pretende unir todos os negros sem distinção étnicas, opondo-se à independência dos bantustões. No entanto considera criticamente o apoio que a África negra dá ao ANC, não o considerando como o único porta-voz dos 20 milhões de habitantes do país.

22.3 — O governo sul-africano não esconde o seu descontentamento face à política norte-americana para África, considerando que é um erro os EUA deixarem a URSS e Cuba actuarem à vontade, inquietando-se com as visitas de Podgorny e Castro, com a presença de Andrew Young na presidência do Conselho de Segurança e com o apoio cada vez maior da Zâmbia ao campo progressista.

11.3 — Vários grupos ocidentais vão triplicar os seus investimentos na África do Sul, desprezando as decisões do Conselho de Segurança. Por outro lado, elas apoiam o programa nuclear sul-africano; a SHELL constrói um reator de alta temperatura para arrefecimento a gás e a AXXON prospecta urâneo.

13.3 — Um congressista americano afirmou que os EUA quebraram uma resolução da ONU, estabelecida em 1963, ao venderem armas à África do Sul, durante o ano de 1976 no valor de 300.000 dólares.

13.3 — Os países africanos preparam quatro documentos sobre a África do Sul a serem apresentados no Conselho de Segurança da ONU; o primeiro texto condena a política do apartheid; o segundo trata das violações do Direito Internacional e das resoluções da ONU cometidas pela RSA; o terceiro trata do embargo de armas e o quatro debruça-se sobre um pedido aos governos para travarem os investimentos naquele país.

2.3 — Por proposta dos países africanos, discute-se no Conselho de Segurança a quest[illegible] embargo de armas à África do Sul [illegible] PAC (Panafricanis Congress) e o ANC [illegible]frican National Congress) foram admitido[illegible] como observadores.

23.3 — Canadá, Alemanha Federal, o Ministro dos Estrangeiros da Nigéria e o presidente do Comité especial da ONU contra o Apartheid mantiveram conversações sob a direcção de Andrew Young a fim de tentarem encontrar uma solução «não extremista», tendo em conta o desejo da maioria africana em ver rápidas mudanças na África do Sul.

24.3 — Os países ocidentais membros do Conselho de Segurança propuseram a aprovação de uma declaração sobre a África Austral onde se rejeita o Apartheid sob todos os [illegible] aspectos. Andrew Young, embaixador [illegible] EUA na ONU foi um dos principais animadores da aprovação da declaração, mas os países africanos não se mostram muito optimistas. Durante os debates a Nigéria propôs sanções económicas contra a África do Sul e evocou a possibilidade de represálias nigerianas contra as empresas que têm comércio com a África do Sul.

NAMÍBIA

14.3 — Tuliameni Kolomah disse em Dakar (Senegal) que a África do Sul utiliza milhares de mercenários israelitas, oeste-alemães, britânicos, chilenos, e americanos para combater os nacionalistas na Namíbia. Kolomah é o representante da SWAPO para a África Ocidental.

Disse por outro lado que americanos negros treinam actualmente um «exército fantoche na Namíbia» e que os Estados Unidos fornecem armas a este exército.

18.3 — Aaron Mushimba e Hendrik Shikongo, membros da SWAPO, condenados à morte em Maio de 1976, acusados de terem participado no assassinato, a 16 de Agosto de 1975 da chefe Filemon Elifas, primeiro ministro do bantustão Ovambo do norte da Namíbia viram suspensa a sua sentença, tendo sido posteriormente libertados.

19.3 — Terminada a Conferência Constitucional sobre a Namíbia, os participantes chegaram a acordo quanto à forma de um governo de transição para este território, e no qual a África do Sul controlará os departamentos-chave da Defesa, Relações Exteriores e Comunicações.

Dirk Mudge, presidente da Conferência, disse que esperava que o Parlamento sul-africano ratificasse o Projecto de Constituição e que o governo de transição seria uma realidade lá para fins de Julho.

Segundo D. Mudge, no estado actual das coisas, «só os brancos poderão pronunciar-se directamente sobre a questão do governo de transição e da independência do território».

As Nações Unidas reconhecem a SWAPO como «o único representante do povo da Namíbia e exigem a organização de eleições livres.

O governo de transição «vai certamente esforçar-se por obter o reconhecimento internacional, e os dirigentes sul-africanos estão convencidos de que os países ocidentais reconhecerão «o facto consumado» na Namíbia.

22.3 — A SWAPO cortou o aprivisionamento de água, fornecido pelo complexo hidro-eléctrico de Calueque-Ruacaná, situado no sul de Angola e que serve uma importante parte do norte da Namíbia, anunciou o líder do território namíbio ovambo, o pastor Cornelius NDjoba.

31.3 — O Partido Nacionalista (branco) do 'Sudoeste Africano' (Namíbia) aceitou oficialmente as decisões da Conferência Constitucional

de Turnhalle no que respeita à formação, dentro de alguns meses, de um governo de transição «escolhido numa base multiracial». Isto foi anunciado por A. H. Du Plessis, chefe deste partido, numa conferência de imprensa.

O Partido Nacionalista branco da Namíbia, que faz parte integrante do Partido Nacionalista da África do Sul, presidido por J. Vorster, aceitou igualmente o princípio de uma dissociação ulterior.

Du Plessis exprimiu no decurso da sua conferência de imprensa a convicção de que o referendo conduziria a um "SIM" maciço da população branca da Namíbia ao plano elaborado pela Conferência de Turnhalle e que deve conduzir o território à independência em 1979, mas com uma condição — a pedido, crê-se, do governo provisório — de uma presença militar sul-africana ao longo da fronteira norte da Namíbia.

As decisões da Conferência de Turnhalle foram rejeitadas simultaneamente pela SWAPO, excluida dos trabalhos da conferência, e pelo grupo dos países africanos no seio das Nações Unidas.

NOTA — A população da Namíbia conta-se por cerca de 800 mil habitantes assim distribuidos:
Ovambos — 360.000 (45%)
Hereros — 49.200 (6,6%)
Os outros grupos étnicos concluiriam o quadro. (36%)
Brancos — 90.600 (12,1%)

Segundo a Conferência de Windhoek, a Assembleia Nacional será constituida por representantes de cada etnia proporcionalmente à sua população. A tribalização da Namíbia é assim oficialmente legalizada. Os Ovambo terão 12 lugares os brancos 6; os Damara, Herero, Kavango, "Coloureds", Namas e Caprivianos, 5 lugares cada um; os Boshimanes, os Basker e os Tswana, 4.

MOÇAMBIQUE

10.3 — Num discurso de várias horas, Samora Machel dirigiu-se aos estudantes e anunciou-lhes que passarão a ser chamados para substituir os técnicos portugueses que terão seus contratos terminados em Junho, quando se completam os 2 anos de independência de Moçambique. Samora Machel anunciou também uma mobilização dos jovens para a defesa e para uma educação política mais intensa, incluindo o próprio período das férias escolares.

19.3 — Um comunicado do Comité Político Permanente da FRELIMO anuncia que todos os indivíduos de nacionalidade originária moçambicana que tenham renunciado à nacionalidade, serão expulsos de Moçambique e impedidos para sempre de regressar. Dá-se um prazo de 60 dias para deixarem o país e 7 dias para se registarem no posto policial ou administrativo mais próximo da sua residência. O comunicado justifica politicamente esta medida da seguinte forma: «A cidadania moçambicana foi construída com inúmeros sacrifícios, ela é o valor mais precioso do nosso povo. Constatou-se, contudo, que certos elementos embuídos de oportunismo, transformaram a cidadania num artigo de compra e venda, tendo renunciado à sua qualidade de moçambicanos em função de interesses egoistas e mesquinhos. Essa situação é intolerável, constituindo um insulto ao Povo Moçambicano inteiro, um insulto à memória de todos os que se sacrificaram para que hoje tivessemos o direito de ser moçambicanos, além de ser uma manifestação de desprezo e de insulto para os próprios povos das cidadanias que adquirem».

19.3 — A alta finança internacional fomenta a desestabilização da economia moçambicana, injectando em Moçambique grandes quantidades de dinheiro falso, antes da mudança da moeda daquele país que se prevê para breve. Em cidades do Norte de Portugal foram apreendidos 180 milhões de escudos falsos aí fabricados com placas de impressão de origem londrina. Nesses factos está envolvido o fascista-colonialista Jorge Jardim, apoiado por organizações fascistas internacionais e pelos regimes racistas da Rodésia e África do Sul. O «movimento» de Jorge Jardim («África Livre») recebe fundos do magnata sul-africano dos diamantes e da banca, Oppenheimer, e dispõe de uma rede de mercenários junto à fronteira com Moçambique. Antigos «pides» e elementos das tropas coloniais foram recrutados para sua organização.

24.3 — Um comunicado militar das forças do Norte de Moçambique informa que vários oficiais e Comissários Políticos do Exército Moçambicano foram presos em razão da sua atitude perante a população. Esses oficiais são acusados de «agressão e insultos, de corrupção moral e ideológica, de abuso do poder, de indisciplina e de delapidação da propriedade do Estado». Com as suas atitudes estavam dividindo o povo das forças armadas. Pede-se ao povo para reforçar a vigilância e denunciar ao Partido toda a atitude incorrecta dos militares.

VIAGEM DE PODGORNY A ÁFRICA AUSTRAL

21.3 — No âmbito da sua programada visita à África Austral onde, segundo os observadores, dará início a uma ofensiva diplomática de envergadura, partiu para a Tanzânia o Presidente do Soviete Supremo da URSS, Nikolai Podgorny, acompanhado de uma delegação de cerca de 120 elementos.

O dirigente soviético visita também a Zâmbia e Moçambique, devendo ainda avistar-se com líderes dos movimentos de libertação rodesianos, que combatem o regime minoritário do Primeiro-Ministro Ian Smith.

24.3 — Podgorny afirmou à sua chegada a Dar-es-Salaam que a União Soviética não pretende conseguir bases militares nos países africanos ou em quaisquer outros. As suas relações com os outros países são orientadas pela sua adesão incondicional à causa da paz, da liberdade e do progresso dos povos.

28.3 — O Presidente soviético Nikolai Podgorny avistou-se em Lusaka com os dirigentes nacionalistas da Rodésia, da Namíbia e da África do Sul respectivamente Joshua Nkomo, Sam Nujoma e Oliver Tambo. Num comunicado divulgado após o encontro, Podgorny confirma a sua solidariedade com os povos do Zimbabwe (Rodésia), da Namíbia e da África do Sul contra o jugo racista e colonial pela liberdade, independência nacional e igualdade. Por sua vez, Joshua Nkomo, Sam Nujoma e Oliver Tambo exprimiram o seu elevado apreço pelos princípios de política externa da União Soviética e a sua profunda gratidão ao povo soviético pela sua ajuda.

DIVERSOS

14.3 — Estados Unidos da América : A Administração Carter transmitiu ao Congresso o relatório sobre Direitos Humanos nos 82 países que recebem ajuda militar americana. Os países são classificados em 3 categorias : livres, não livres e parcialmente livres. Apenas 28 dos 82 países foram considerados completamente livres. Dos países africanos, o governo americano considerou livre apenas o Botswana. «Parcialmente livres» seriam o Lesotho, a Suazilândia, a Nigéria, o Quénia, o Senegal e a Libéria. O Zaire, país africano que recebe a maior ajuda militar e está recebendo ajuda especial pela situação no Shabá, é considerado «não livre», assim como o Sudão, a Etiópia, os Camarões, o Gabão e o Ghana.

Outros países «não livres» continuam recebendo grande ajuda militar americana. Exemplo : Coreia do Sul, Filipinas, Irão, etc. Donde se conclui que o grande interesse pelos Direitos Humanos do novo governo norte-americano é pura demagogia.

18.3 — Numa entrevista ao jornal português reaccionário «O País», o deputado Galvão de Melo ataca a independência das ex-colónias portuguesas, confessa ter simpatias e ligações com a Fnla, Unita e a Flec, e diz estar «disposto a participar numa operação militar em Angola». Galvão de Melo, que foi general da Força Aérea colonial, vem utilizando os retornados como sua base de apoio e pretende liderar um partido dos «desalojados» em Portugal.

20.3 — Representantes dos «Montoneros», organização guerrilheira da Argentina, denunciaram que o regime militar argentino fuzilou mais de 140 prisioneiros políticos em Dezembro/76 e Janeiro/77. Denunciaram que há cerca de 20 mil presos políticos no seu país, muitos dos quais são sumariamente fuzilados por represália contra as actividades da guerrilha. Muitos outros desaparecem, às vezes lançados por aviões da Força Aérea em alto mar. Os «Montoneros» declararam ainda, em Conferência de Imprensa em Madrid, Espanha, que a sua organização perdeu cerca de 30% dos seus efectivos desde o início do combate guerrilheiro contra o regime militar reaccionário da Argentina.

21.3 — Na Índia, as eleições representaram uma dura derrota para o Partido do Congresso, da Senhora Indira Ghandi. O Partido Janata (Partido do Povo) foi o grande vencedor, devendo ser chamado a formar o novo governo que substituirá Indira Ghandi, que esteve no poder mais de 10 anos.

23.3 — Na França, as eleições municipais deram a vitória à coalisão de esquerda Socialista-Comunista. Mais de dois terços dos municípios de mais de 30 mil habitantes elegeram candidatos da esquerda. A chamada «maioria» presidencial fica apenas com Paris e menos de um terço das cidades com mais de 30 mil pessoas.

28.3 — Em Santa Cruz de Tenerife, nas Ilhas Canárias (sob domínio espanhol), 2 aviões «Boeing 747» chocaram ao descolar ao mesmo tempo. O acidente provocou 545 mortos, e é a maior catástrofe da história da aviação pelo número de mortos.